N.º 11 / AGOSTO 1972 / ANO II

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
Artur Guimarães	**Lugre Patacho para um museu**	4
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	5
M. do Vale	**Guerra ao Pois**	5
Um professor da Escola Comercial Patrício Prazeres	**Brasil e Portugal**	6
S. Elpídio / A. Chuquere	**A Pátria Honrai**	7
R. Coentro	**Porto Santo, onde um dia Zarco...** Descoberta, Colonização e História	8
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O Construtivismo na Arte	10
O. Lemos	**Bibliografia**	13
S. Elpídio	**Saibam Todos**	13
S. Machado	**O Rouxinol**	14
S. Elpídio	**Medalha Comemorativa do 1.º Centenário do Almirante Silva Nogueira**	15
P. Caeiro	**Desportos**	16
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	17
Redacção	**Reeleição de Sua Excelência o Presidente da República**	18
Redacção	**Voz da Abita**	20
M. Romão	**A Banda da Armada**	22
G. Brandão / A. Pinto	**Filatelia**	24
Redacção	**Curiosidades**	25
S. Elpídio	**Reportagem**	26
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 11 / AGOSTO DE 1972 / ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

LUGRE PATACHO
Pelo pintor
Artur Guimarães

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

PEQUENO-ALMOÇO EM LISBOA, ALMOÇO... NO RIO DE JANEIRO

Dezassete de Junho de 1972. Seis horas e trinta minutos, t.m.G.
Faz hoje 50 anos que Sacadura Cabral e Gago Coutinho concluíram a gloriosa viagem aérea Lisboa-Rio.
Para comemorar o acontecimento, o gigantesco «Boeing 747» «Portugal», da TAP, levanta voo do Aeroporto Internacional de Lisboa rumo ao Brasil. Tem lugares para 370 passageiros e 17 tripulantes e leva 193 toneladas de combustível – mais que o peso total do seu antecessor «707», com passageiros e tudo...
Onze mil metros de altitude, velocidade novecentos quilómetros à hora. Voamos sobre um mar de nuvens, com muito bom tempo.
Introduzido o programa de voo nos computadores, o avião segue rigorosamente a rota prevista. O comandante controla o funcionamento de toda a aparelhagem. Liga botões e acendem-se luzinhas multicores. Para saber a posição basta premir um interruptor e logo aparece a longitude e a latitude em graus, minutos e segundos.
Às 08.16 passamos à vertical de Lanzarote, nas Canárias. O avião muda de rumo automàticamente. Às 09.59 sobrevoamos a ilha do Sal. Pouco depois avista-se a ilha do Fogo. Parece a imagem de um vulcão extinto, tal como aparece nos compêndios de Geografia. Às 12.08 estamos sobre o penedo de S. Pedro. Sabe-se que é o ilhéu porque se vê a rebentação do mar à sua volta. O avião faz uma rotação de 360 graus em homenagem aos heróis da primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Às 12.52, sobre Fernando Noronha, às 13.30 sobre o Recife e às 15.52 (11.52, hora local) aterramos no Aeroporto Internacional do Galeão.
É assim que se viaja agora...

Quando, através da pequena vigia do meu lugar, vi lá em baixo o Corcovado, o Pão de Açúcar e todo o branco casario da «cidade maravilhosa», julguei estar a sonhar. Quase no fim de uma larga carreira na Armada ia finalmente, e pela primeira vez, pisar terras sagradas de Santa Cruz.
A estada foi curta; tão curta que na nossa mente se baralham as imagens e sensações vividas numa amálgama de verdadeiro encantamento. Porém, mais que as belezas da terra, que são tantas, impressionou-nos a amizade e o carinho com que nos receberam os nossos irmãos de além-Atlântico.
Abençoado Brasil que Deus guardou para nós descobrirmos, e que é hoje o nosso orgulho.

na capa:
Lugre Patacho para um Museu

(Dados coligidos pelo pintor Artur Guimarães)

Destinado à pesca da baleia no mar dos Açores tinha as seguintes características:

Ano de construção	1883
Deslocamento	325 ton
Número de tripulantes	30
Comprimento	47 m
Boca	8 m
Pontal	5 m

Aparelhado em lugre-patacho com três mastros: o traquete de redondos e os outros dois de latinos rectangulares com gavetopes.

Até 1900 ostentou o nome francês de «Gazelle». Neste ano veio para o Continente sofrendo uma remodelação geral nos estaleiros de Setúbal para o adaptar à pesca do bacalhau.

Um ano depois saiu do estaleiro com o nome de «Gazela Primeiro». Os pescadores chamavam-lhe o «Gazelão» por ser o maior navio português que ia à Gronelândia e Terra Nova pescar bacalhau.

Em 1969 acabou a sua longa vida de 86 anos, provando a solidez da sua construção e as suas óptimas qualidades de manobra.

Em 23 de Maio de 1971, com uma tripulação de várias nacionalidades, largou de Aveiro para os Estados Unidos da América, adquirido pelo Philadelphia Maritime Museum.

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE AGOSTO

Em 12 de Agosto de 1517, Fernão Peres Andrade, capitão-mor do mar em Malaca, desembarca no porto de Tamau, em Kuang-Tung, na China, onde estabelece boas relações com Cantão.

Em 13 de Agosto de 1648, chega a Luanda uma frota comandada por Salvador Correia de Sá, que deu aos holandeses 48 horas para se renderem. Na noite de 15 os portugueses desembarcaram 200 marinheiros e 800 soldados. Três dias depois, os ocupantes – os holandeses – içaram a bandeira branca.

Em 9 de Agosto de 1836, nasce em Lisboa o almirante Campos Rodrigues. «Homem de inteligência invulgar, dotado de excepcional espírito investigador, afirmou-se como cientista de renome internacional, prestigiando de maneira ímpar o nome de Portugal e da Marinha Portuguesa.» Em 1890 foi director do Observatório da Ajuda, onde «um dos seus primeiros trabalhos foi o da instalação do sinal horário – dito Arsenal –, em moldes que lhe granjearam merecida fama internacional, com precisão 10 vezes superior à das melhores da época».

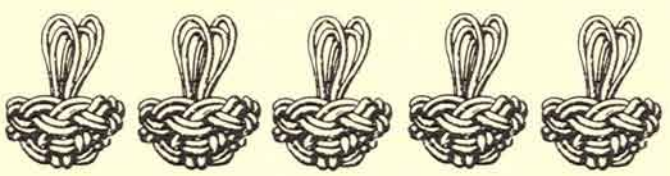
Em 23 de Agosto de 1917, perdem a vida o 1.º-tenente Azeredo de Vasconcelos e o grumete António Joaquim Passo na queda de um hidroavião no mar, quando voava em missão de reconhecimento e patrulha ao largo da barra do Tejo.

Perguntas... Com Cocha

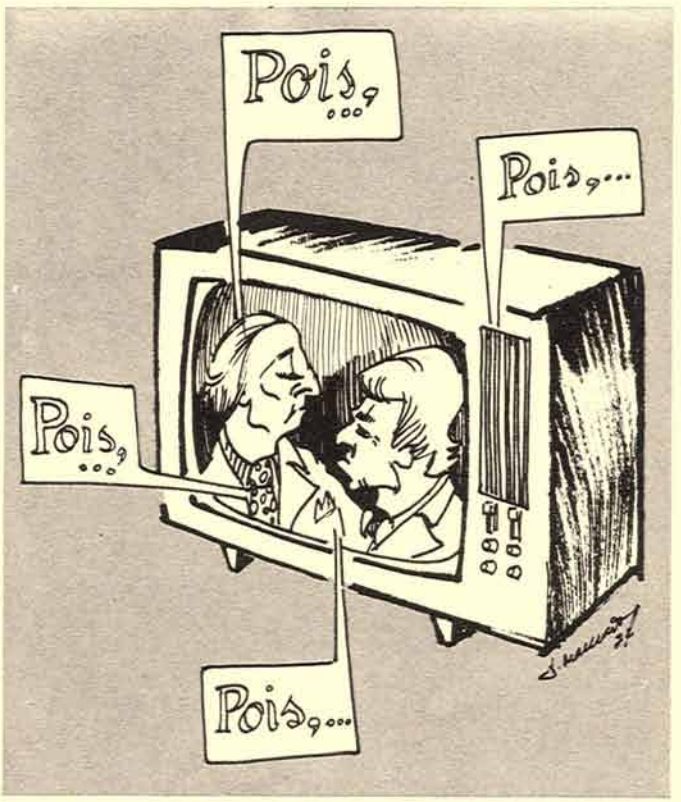
1 – Agasalho é roupa de aquecer?
2 – Com essa roupa você vai bem agasalhado?
3 – Se uma embarcação vai água abaixo afunda-se?
4 – E se for água acima sobe por ela?
5 – Aguaceiro furado tem buraco?
6 – Aguaceiro seco molha a gente?
7 – Água de cheio deita por fora?
8 – E se a água é de vazio, de onde é que ela vem?
9 – Se o navio leva água no bico tem alguma intenção reservada?
10 – Aguante lá essa conversa que não estou a entender nada!

Respostas... Descochadas

1 – Agasalho significa alojamento, poiso.
2 – Agasalhado é um termo antigamente usado que se aplicava ao peso ou volume de mercadoria que na época era permitido à guarnição embarcar nos alojamentos com o objectivo de fazer comércio; esta mercadoria não fazia parte da carga e era isenta de direitos.
3 – Ir água abaixo é ir a favor ou ao sabor da corrente.
4 – Ir água acima é ir contra a corrente ou maré.
5 – Aguaceiro furado é um aguaceiro violento de chuva e vento que se levanta no horizonte, formando um arco de núvens escuras pela parte inferior e que, subindo ràpidamente até ao zénite, desaba em chuva; diz-se que é furado quando a força do vento aumenta pouco.
6 – O aguaceiro é seco quando se apresenta sem chuva, refrescando o vento repentinamente. É também chamado aguaceiro de vento.
7 – Água de cheio é a designação que se dá à corrente de enchente.
8 – Correspondentemente, a água de vazio é a corrente de vazante.
9 – Levar ou ter água no bico é ter a corrente pela proa.
10 – Aguante é o termo que exprime a quantidade máxima de velame que o navio suporta sem risco ou o seu grau de resistência ao mau tempo.



GUERRA... ao **POIS**



Perdoem-nos, mas não resistimos à tentação de voltar à carga. Sòzinhos ou acompanhados havemos de continuar esta luta que, para nós, assume o aspecto de verdadeira cruzada.

É de mais! Não há conversa, palestra, entrevista, colóquio ou seminário onde o *pois* não tenha a supremacia entre todas as palavras do nosso riquíssimo vocabulário.

O entrevistador vira-se para o entrevistado e dispara: *pois* isto... *pois* aquilo...; logo que passa a palavra ao outro, este continua: *pois* aquilo... *pois* isto...

Por este andar, daqui a pouco, não se diz «peço a palavra» mas sim «peço o *pois*» e não se responde «tem a palavra» mas sim «tem o *pois*».

Há dias assistimos a uma conversa na TV e tivemos a veleidade de contar os *pois* que os interlocutores atiravam uns aos outros. Fomos contando: *pois* de cá, *pois* de lá... e já íamos em mais de uma dúzia quando adormecemos.

Acordámos mesmo na altura em que o locutor, com o melhor dos seus sorrisos, se despedia dos «senhores telespectadores» dizendo: *pois*, acabaram de ouvir... etc. Boa noite e até à próxima... *pois*.

M. do Vale

Dedicado à nossa Revista, recebemos da Escola Industrial Patrício Prazeres uma poesia de exaltação da Comunidade Luso-Brasileira a qual muito nos desvanece.

Publicamo-la em fac-símile por se tratar de uma bela página com magnífico sentido de equilíbrio estético. A poesia apresentada é de autoria de um professor da referida escola.

À Prestigiosa Revista da Armada

— Brasil e Portugal

Já vai alto o sete-estrelo,
Chega a hora d'abalar.
Adeus praias do Restelo,
Adeus Senhora do Mar.

Saudades não quero ter,
Ter saudade é chorar.
Adeus, noiva, até mais ver,
Adeus, mãe, até voltar.

Singrando as ondas do Oceano por achar
A frota de Cabral
Avista ao longe floresta densa, mãos a acenar.
Um padrão no areal,
A Santa-Cruz!

E a ver primeira foi que em terras do Brasil
O gentio vê imolar o Corpo de Jesus.

Todo o génio da raça
Gera ali não sei que sentimento:
É um misto d'orgulho, amor e sofrimento.

O sangue da raça lusa
Apaga o fogo na selva,
Lava a maldade das gentes,
Faz do sertão uma relva.

Quem t'ensinou, ó Brasil,
A dizer assim tão bem
A doce palavra Amor,
A linda palavra Mãe?

Bem sabe Portugal
Como, quando e onde cumprir um ideal.
E Brasil é hoje Pátria amiga e bela,
Grande Nação Igual!
Filho morgado e querido, orgulho de Portugal.

Brasil!
Avante em marcha triunfal!
Tu encerras
Como, se a terra fosse o próprio sangue,
O Coração
o teu velho e nobre Portugal!

Abril
1972

a Pátria honrai

Quando a «LDP-208» regressava de uma missão de desembarque e reembarque de forças do Exército, no rio Zambeze, foi alvo de forte emboscada. O marinheiro fuzileiro especial n.º 99/67 JOSÉ MANUEL DE ALMEIDA DIAS, que seguia na lancha como apontador da bazuca, teve comportamento decisivo e digno dos maiores louvores na reacção à referida emboscada.

Ferido logo nos primeiros tiros do inimigo e supondo inoperativa a arma a seu cargo, também atingida, o marinheiro Almeida Dias dirigiu-se ao porão da lancha para fazer fogo com a «MG-42»; encravando-se esta, voltou de novo à tolda e, utilizando a bazuca, fez calar o inimigo.

É de salientar ainda o ânimo forte que demonstrou nos incitamentos que dirigiu aos camaradas, dando origem a que se processasse uma reacção pronta e eficaz à emboscada.

Os actos de coragem, decisão e serena energia debaixo de fogo praticados pelo marinheiro Almeida Dias tornaram-no justamente merecedor da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe que lhe foi atribuída.

N. R.: *O marinheiro Almeida Dias é natural de Fornos de Algodres, distrito da Guarda.*

CRUZ DE GUERRA

1.ª classe

Cap.-ten. Guilherme A. Alpoim Calvão – Guiné (1970).

2.ª classe

6961/2.º-sarg. FZE – António Ribeiro Pais – Moçambique (1970).
7764/2.º-sarg. FZE – João Torres Piaçab – Moçambique (1970).

3.ª classe

2.º-ten. Rui Coelho Cabrita – Guiné (1970).
2.º-ten. António M. Catarino da Silva – Moçambique (1970).
2.º-ten. Luís António Pinto Bastos Ribeiro Ferreira – Moçambique (1970).
2.º-ten. RN Benjamim Lopes de Abreu – Guiné (1970).
699/65/Mar. FZE – Francisco Esperança Patrício – Angola (1970).

4.ª classe

88/66/Mar. FZE – João Manuel Gonçalves Araújo – Moçambique (1970).
786/66/Mar. FZE – António Joaquim Ferro Trindade – Guiné (1970).
2190/65/Mar. FZE – Emídio Marques Viegas – Moçambique (1970).

PORTO SANTO
onde um dia Zarco... (II)

Porto Santo – Casa de Colombo (Foto de Francisco Ribeiro, do Funchal)

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Fernando Pessoa

DESCOBERTA COLONIZAÇÃO E HISTÓRIA

O Infante D. Henrique foi um devotado estudioso dos assuntos relacionados com o mar. Tendo sido nomeado defensor de Ceuta por seu pai, D. João I, em 1415, recebeu, para exercício do seu cargo,

dinheiro e alguns navios, surgindo, assim, a primeira armada do Infante. Curioso em desvendar as causas de determinadas correntes marítimas que obstavam à boa navegação, organizou em 1416 a primeira expedição científica para exploração da costa africana, pelo que encarregou Gonçalo Velho de navegar pela beira-mar, para além das Canárias, no intuito de fazer novos mapas com melhores conhecimentos de terras e mares.
Começaria, assim, a gloriosa era dos descobrimentos que tão belas páginas deixaria na história da gente lusa!
Entusiasmado com os primeiros resultados obtidos pelos seus dedicados navegadores, o Infante organizou novas expedições ao receado «mar tenebroso», para além do cabo Não, contrariando o ditado popular que então era proferido: «Quem for ao cabo Não, ou voltará ou não!» E é no seguimento destas expedições que, em 1418, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira recebem a incumbência de navegar, pela costa, até atingirem terras da Guiné. Quando a frota sulcava já águas africanas foi envolvida por violenta tempestade que arrastou as frágeis caravelas para ocidente, mar adentro...

Vários dias lutaram os bravos marinheiros contra os elementos em fúria e julgavam já tudo perdido quando, no decorrer do dia 1 de Novembro de 1418, viram desenhar-se no horizonte distante o vulto de uma ilha emergindo serena das águas revoltadas. Ali rumaram os tenazes mareantes e se abrigaram numa baía, cuja serenidade das águas em contraste com os tormentos passados lhes sugeriu o nome de Porto Santo, nome com que viria a ser baptizada esta componente do arquipélago da Madeira.
Levada a notícia do descobrimento da ilha ao Infante, logo ele providenciou para a sua colonização, enviando homens e animais. Os colonos, porém, pouco tempo depois, regressaram ao continente desolados, pois os coelhos levados para a ilha reproduziram-se de tal modo que em curto prazo formaram uma praga que tudo devorava. Sem, contudo, desanimar, o Infante D. Henrique, com aquela perseverança e tenacidade que o levariam às páginas da história de Portugal, exorta os colonos a procurarem combater aquela adversidade, enquanto determina que os seus marinheiros busquem ao redor daquela novas ilhas. É assim que, perante as caravelas de Zarco e de Vaz Teixeira, surge a luxuriante ilha da Madeira, cuja descoberta ocorre durante o ano de 1419, ilha esta que viria a ser a tão conhecida «Pérola do Atlântico» dos nossos dias.
As colonizações das duas ilhas foram simultâneas, tendo sido nomeado primeiro capitão-donatário de Porto Santo o companheiro de Zarco, Bartolomeu Perestrelo, sob cuja orientação administrativa bastante prosperou a ilha no bom aproveitamento dos seus terrenos virgens e férteis.
Posteriormente, essa boa administração foi desorientada pelos donatários sucessores e pelos constantes assaltos dos piratas argelinos e franceses e ainda, também, pela falta de chuvas, circunstâncias estas que criavam situações assaz embaraçosas à então reduzidíssima população da ilha.
Consta que nas suas incursões os piratas argelinos faziam escravos e raptavam as mulheres, devolvendo estas à ilha quando elas se encontravam em estado de gravidez, motivo que julgamos ser a origem do termo «Profetas» (1) com que são conhecidos os naturais de Porto Santo.
Na luta constante contra os piratas a gente de Porto Santo utilizava o pico mais alto da ilha para pedir socorro, por meio de sinais luminosos, às autoridades da Madeira, razão por que este pico ficou denominado «do Facho», tal como o «do Castelo» assim chamado por nele procurarem refúgio para fugirem à barbaridade dos piratas.
Lentamente, através do tempo, as estruturas administrativas foram-se firmando em bases mais sólidas, até que, de há uns 20 anos a esta parte, vários empreendimentos de maior ou menor vulto e, por fim a construção dum aeroporto, vieram dar novo impulso criador e abrir novas e risonhas perspectivas à já muito procurada, turìsticamente, ilha de Porto Santo.

Consta que nesta ilha residiu, durante algum tempo, o grande navegador Cristóvão Colombo, que era casado com uma filha do primeiro donatário da ilha, D. Isabel Moniz Perestrelo, aqui concebendo, o descobridor da América, a ideia de alcançar a Índia seguindo por ocidente. Ainda hoje existe, perto da Igreja Matriz, uma velha casa que é apontada como a eventual residência do célebre marinheiro.

Porto Santo ficou nas páginas da lusa história, como um marco que define o primeiro descobrimento de uma época gloriosa em que o mundo reconheceu o povo português como «heróis do mar, nobre povo...».

---

(1) Filhos de Maomé, o «Profeta»?

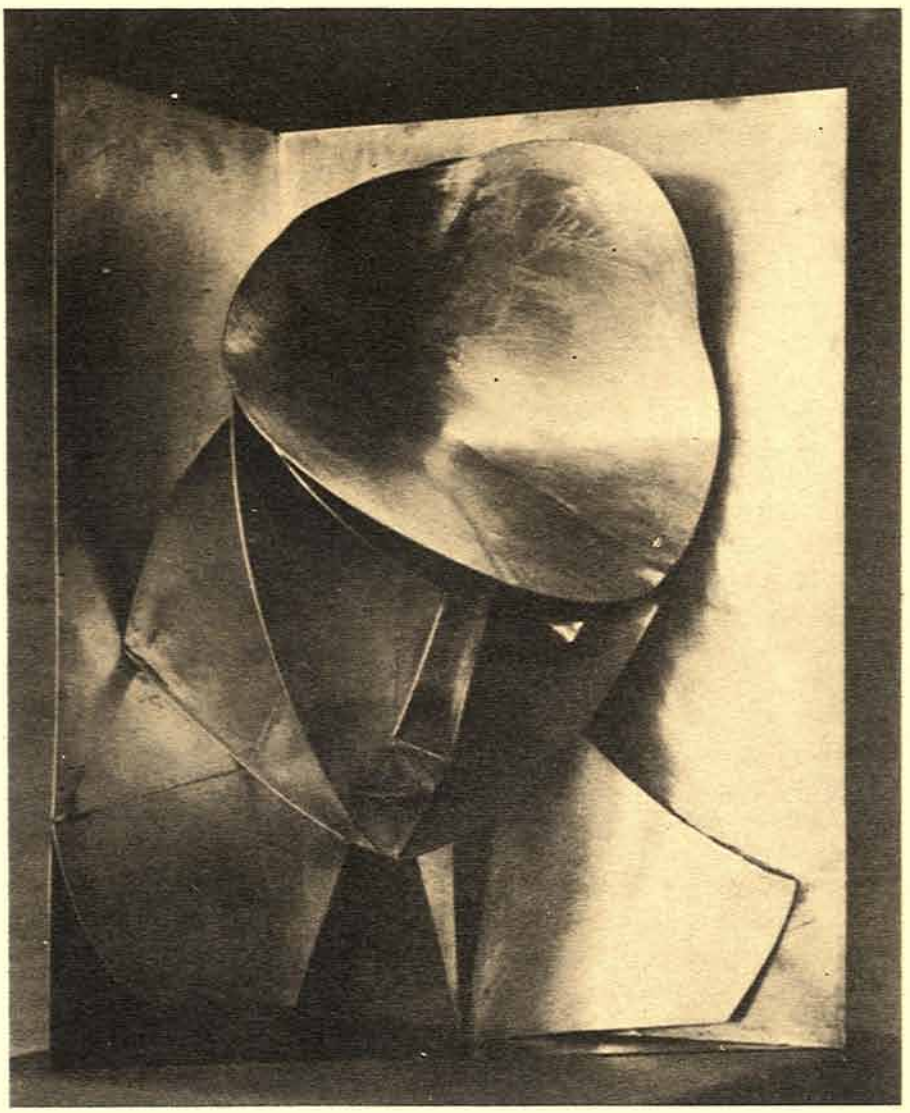
R. F. Coentro

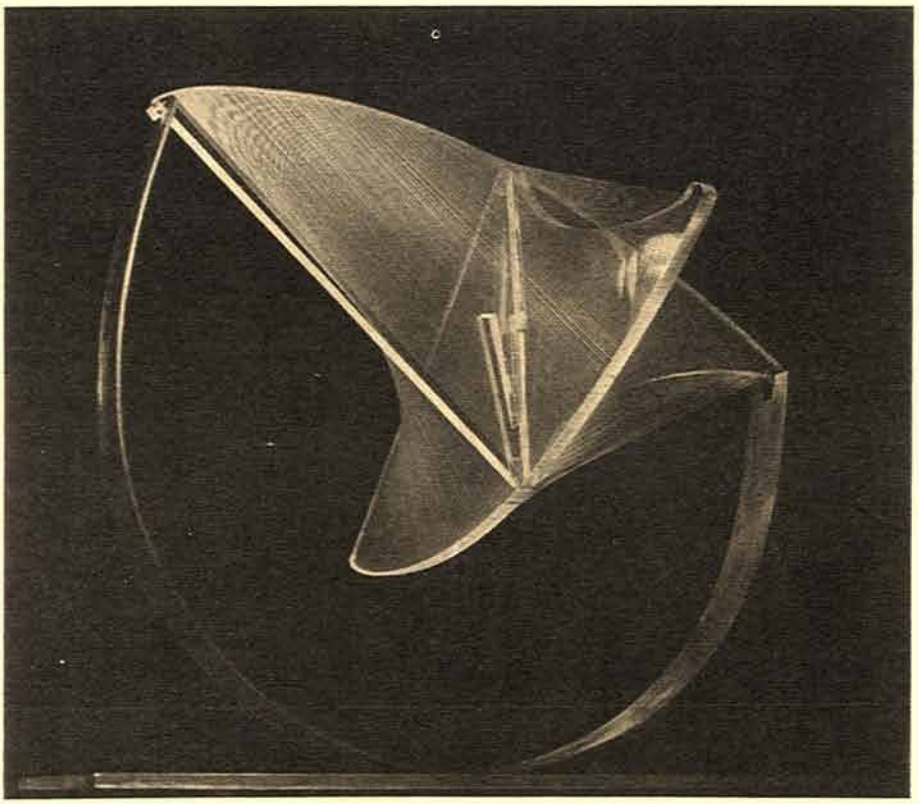
O construtivismo na arte

Quando a arte percorreu os caminhos da análise que lhe foram abertos pelo impressionismo e desabrochou numa série de experimentações e tendências que foram outros tantos «ismos» (fauvismo, futurismo, abstraccionismo, dadaísmo, cubismo, etc.), houve quem legìtimamente se interrogasse sobre o futuro dessa mesma arte. Os dadaístas, por exemplo, com a sua «democratização» da arte, com a pretensão de a apear do pedestal onde se mostrava como artigo de luxo e de eleição, quiseram banalizá-la e elevaram pràticamente todos os objectos à categoria de artísticos, fossem eles um urinol ou uma roda de bicicleta. Era uma reacção natural contra uma certa presunção abusiva da arte, reacção que, nos seus extremos e desvarios chegou a pretender matar a arte.

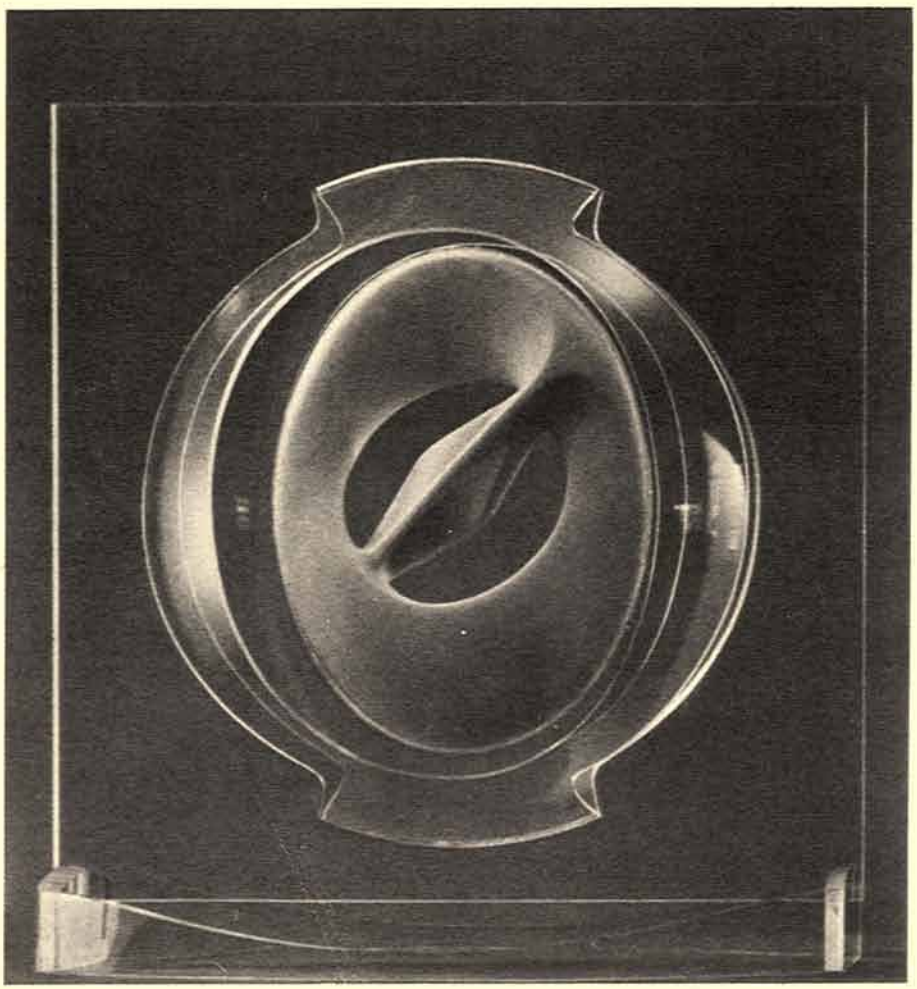
Realmente, é bom que se diga, havia muita coisa cadavérica na arte que tinha forçosamente de acabar para que ela não apodrecesse nas mesmas formas. A unidade formal do mundo exterior – a forma – fora a base e o esteio da criação artística. Ela apoiava-se directamente no mundo exterior dos objectos. Pois o cubismo, por exemplo, atacou essas bases e quis prescindir dessas formas ou pretendeu reduzi-las a escasso número de elementos geométricos. A forma deixou de interessar e apenas permaneceu a essência. Assim, uma árvore, uma figura humana, uma casa ou uma viola puderam ser tratados da mesma maneira, através de elementos comuns. O objecto é, assim, dissecado nas suas particularidades mais notórias e certos pormenores mais característicos adquirem maior relevo e constituem aquilo que interessa focar em detrimento da

«Cabeça em Nicho Triangular»





«Construção Suspensa no Espaço»



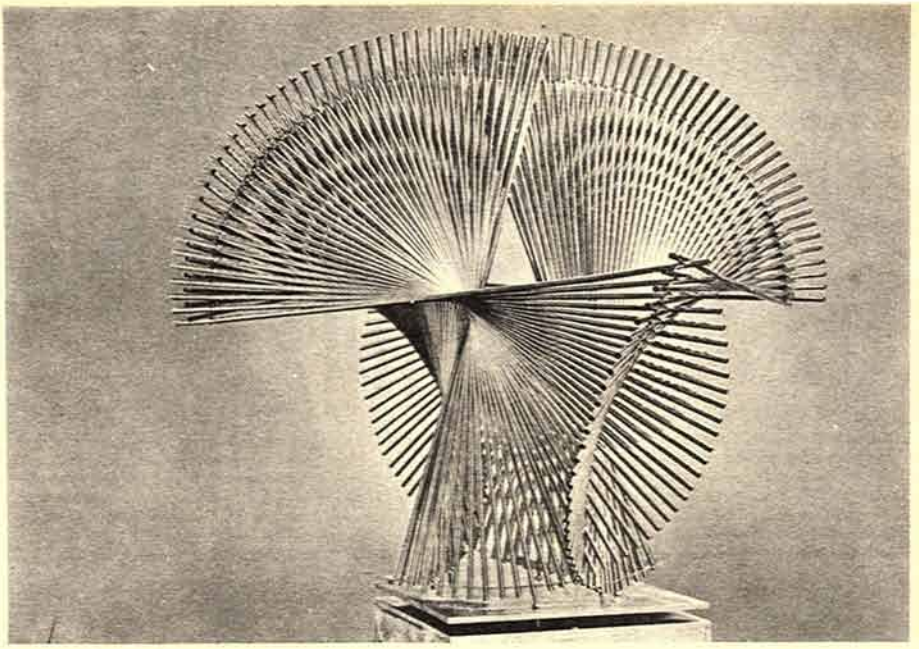
«Construção no Espaço com Mármore Rosa ao Centro»

proporção e do conjunto. Isto destrói, afinal, o objecto e torna-o, por vezes, irreconhecível.

É por isso que certas obras cubistas nos parecem um amontoado de fragmentos de objectos que tivessem sido despedaçados por qualquer tensão interior. É claro que se assistia por esta altura – primeiro quartel do século XX – ao desmoronar de muitas teorias científicas e ao aparecimento de novas ideias, novas leis físicas, novos conceitos do universo e do homem. No domínio da arte, no entanto, a convulsão foi bem mais violenta. No meio das aparentes ruínas e do clima de destruição a que se assistia, houve artistas que optaram por um caminho de reacção e resolveram recomeçar. E recomeçaram construindo. É Naum Gabo, precursor do construtivismo e cuja exposição retrospectiva se fez há pouco nos salões da Fundação Gulbenkian, que nos diz: «Depois do cubismo, a geração a que pertenço nada mais encontrou no mundo da arte do que um amontoado de ruínas. Nada das velhas tradições nos fora deixado em que pudéssemos encontrar apoio. Fomos obrigados a recomeçar do nada.»

A tecnologia veio ajudá-los. Novos materiais surgiram possibilitando tratar como entidades individuais com expressão própria, desligada dos aspectos exteriores do mundo, esses elementos que são a linha, a superfície, a cor e a forma.

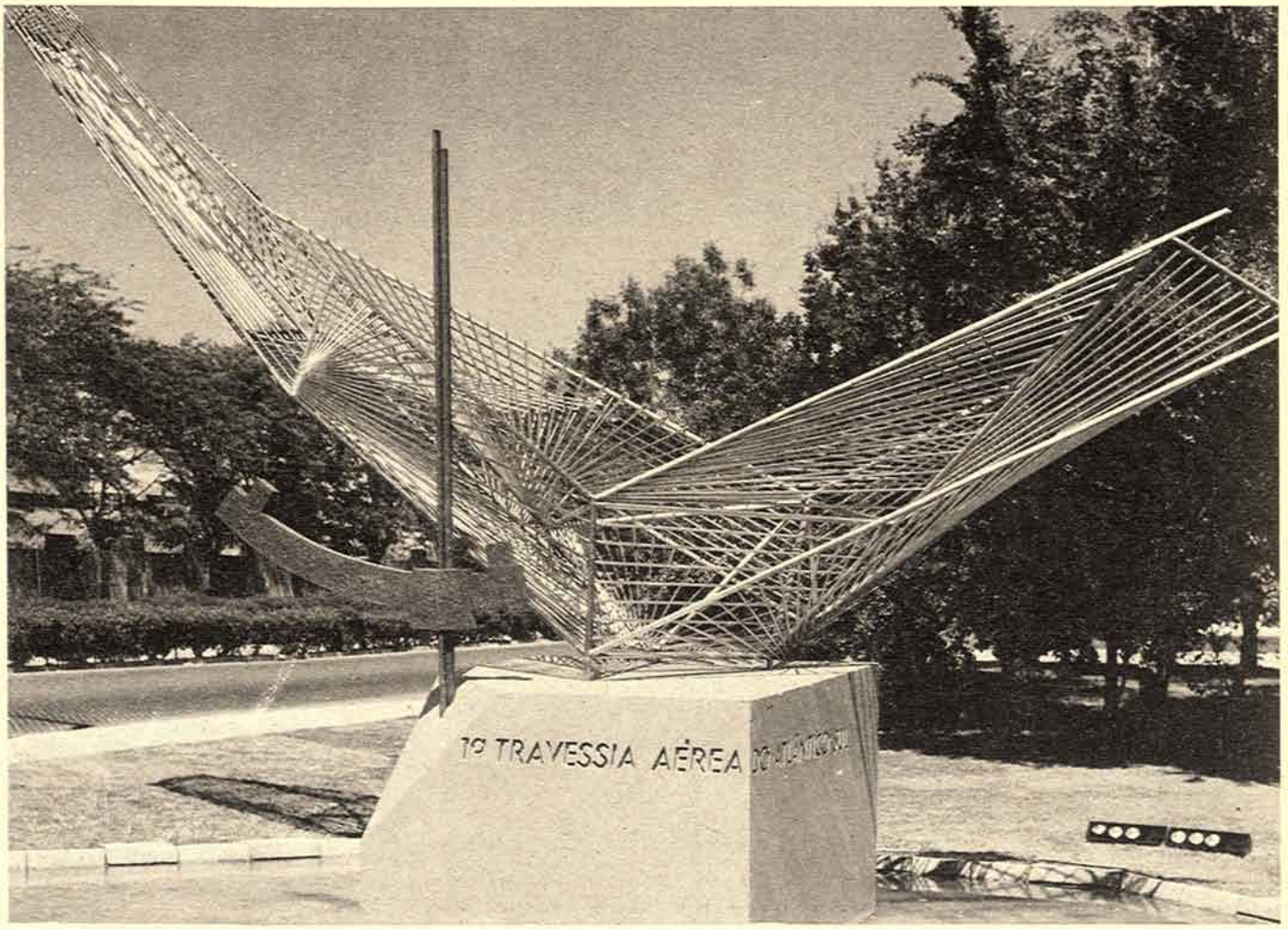
Com o construtivismo a arte desligou-se da natureza, embora continue enraizada na natureza humana porque a junção e o equilíbrio dos elementos de construção obedece a um impulso emocional. Fios, arames, tubos, fitas metálicas, chapas, vidros, plásticos e um sem-número de outros materiais foram reunidos em estruturas que traduzem uma necessidade de criação por parte do artista. Daí, a escultura ter sido a forma de arte mais adequada à expressão dos construtivistas. Inicialmente, o construtivismo ainda se apoiou nas formas da natureza ou pretendeu traduzi-las através dos elementos plásticos de que dispunha. E é assim que



«Organon»

superfícies e planos nos sugerem formas e volumes como em «Cabeça num Nicho Triangular», 1916--1917, de Naum Gabo, executada em chapa de latão. Progressivamente, o artista deixou de interrogar o mundo exterior e passou a exprimir os seus impulsos na linguagem das formas absolutas como, por exemplo, em «Construção Suspensa no Espaço»,

Monumento comemorativo da 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul



1965, executada em bronze fosforoso, alumínio, perspex **e fios de** nylon, **e em «Construção no Espaço com Mármore Rosa ao Centro», elaborada com mármore e matéria plástica. Nestes dois casos, a realidade é a própria obra de arte. Não há, portanto, que esquadrinhar quer o consciente quer o subconsciente. No construtivismo só há uma realidade: a existência. E a obra de arte aí está a atestá-lo.**

É da ética construtivista que a arte realize obras positivas que nos levem a uma maior perfeição. E quantas vezes, a partir de elementos tão simples (pràticamente linhas rectas), se estruturam formas cuja beleza é, por assim dizer, um apelo, como em «Organon», 1966, de Stephanie Scuris, executado em tubo de cuproníquel.

Na mesma linha se situa o monumento a Gago Coutinho e Sacadura Cabral recentemente erguido e inaugurado em Belém, da autoria do escultor Laranjeira Santos.

Como diz Naum Gabo: «Para poder cumprir a sua tarefa, o artista não precisa de interrogar o mundo exterior da natureza; basta-lhe exprimir os seus impulsos na linguagem das formas absolutas contidas na sua arte.»

O. Lemos

bibliografia

MONÓLOGO EM ÉFESO, por Luís Forjaz Trigueiros

Fazendo parte da sua «Colecção Autores Portugueses», a Bertrand acaba de lançar «Monólogo em Éfeso», de Luís Forjaz Trigueiros. O autor dividiu a obra em três partes – Tema, Variações e Fuga –, pretendendo desta forma agrupar em clima próprio cada uma das descrições que nos faz. Como sempre, Forjaz Trigueiros procura a simplicidade no dizer – ele que sabe como poucos quanto é difícil ser fácil. Nas duas primeiras partes a descrição é incisiva, rigorosa, às vezes permeada por uma ironia educada, nunca chocante, que mais não visa que o acentuar do realismo das coisas. Na terceira parte predominam a beleza e o lirismo, em viagens através dos tempos, autêntico clima de magia, onde se sente que «há coisas mais belas do que as coisas! As ruínas das coisas...». Ao folhear o livro é todo o universo que se nos abre, confiando-nos milénios de civilização com todas as glórias e mediocridades humanas, arrastando-se até aos nossos dias.

A BUZINA, por Romeu de Melo

Em edição de Estúdios Cor, apareceu recentemente esta obra de Romeu de Melo, cuja situação face aos diferentes géneros literários correntes é de certa forma difícil porque nela se fundem o ensaio, a ficção e a crónica numa articulação muito original. Uma coisa é, no entanto, indiscutível neste livro – um vivo sentido de actualidade.

OBRAS COMPLETAS DE ALEXANDRE HERCULANO

Depois do aparecimento do 1.º volume das «Obras Completas de Alexandre Herculano», que a Bertrand se propõe editar, e que incluiu o «Pároco de Aldeia» e «O Galego», surgiu agora a vez de «Lendas e Narrativas», em dois volumes. O primeiro compreende: «O Alcaide de Santarém», «Arras por Foro de Espanha», «O Castelo de Faria» e «A Abóbada»; o segundo volume inclui: «A Destruição de Auria», «A Dama Pé-de-Cabra», «O Bispo Negro», «A Morte do Lidador», «O Empregado», «Mestre Gil», «Três Meses em Calecute» e «O Cronista».

O. Lemos

saibam todos

Que ao pessoal da taifa com os cursos de 2.º grau de despenseiro, de alistamento de copeiro, de cozinheiro e de padeiro, com seis anos de serviço prestado na Armada naquela classe, são passadas carteiras profissionais de despenseiro de 1.ª, de empregado de mesa de 2.ª, de cozinheiro de 3.ª e de pasteleiro de 2.ª ou de caixeiro de padaria (encarregado de padaria), respectivamente, pelos Sindicatos Nacionais dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares e Sindicatos Nacionais dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação.

Que é a Direcção do Serviço do Pessoal através da sua 5.ª Repartição (Bem-Estar) que trata dos assuntos relativos ao bem-estar do pessoal militar e civil e respectivos agregados familiares.

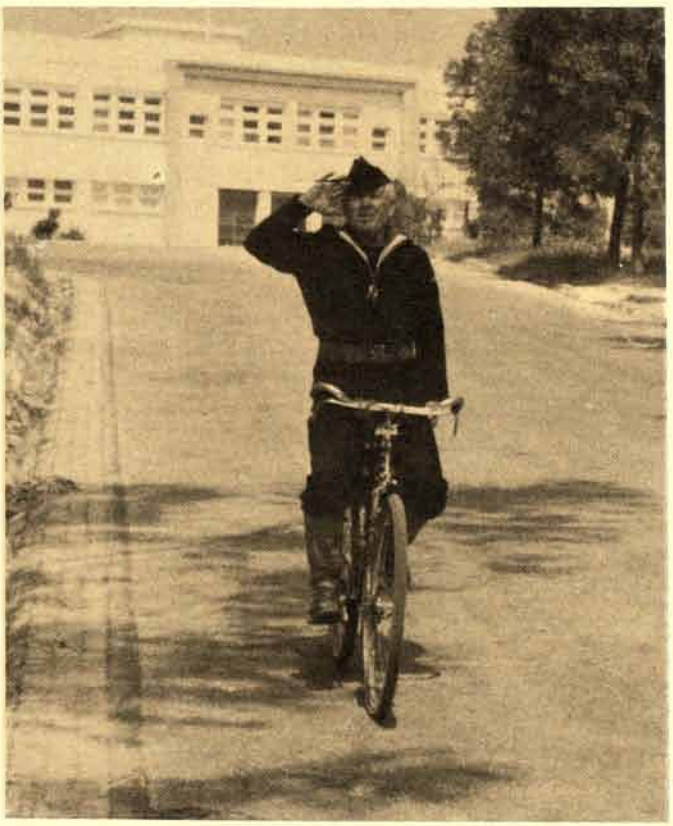
Que nesta repartição funciona durante as horas de expediente um serviço de informação e um serviço de assistência jurídica.

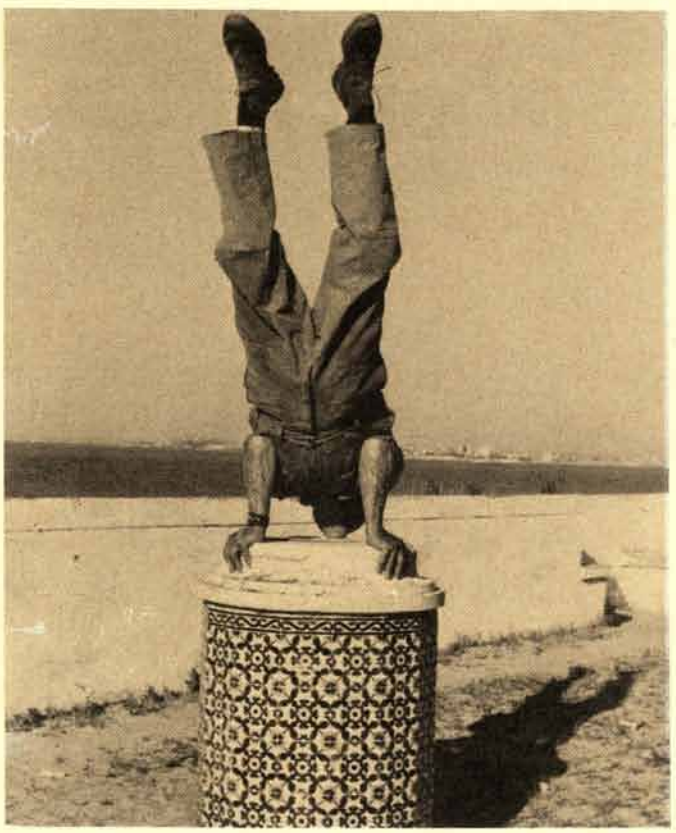
Que na dependência dos Serviços Sociais das Forças Armadas existe no Centro Social Médico-Educativo n.º 1, no Alfeite, um jardim-escola destinado a ser utilizado por crianças dos 3 aos 6 anos filhas do pessoal militar e civil beneficiário daqueles Serviços Sociais.

Que no mesmo Centro funciona uma escola primária para crianças dos 6 aos 14 anos filhas dos mesmos beneficiários.

Que os sargentos e praças das unidades e serviços da margem sul podem frequentar aulas do ciclo preparatório (5.ª e 6.ª classes) em cursos que funcionam em instalações da Base Naval de Lisboa.

O "ROUXINOL"





Se fizermos a pergunta «quem conhece o marinheiro de manobra Sebastião da Silva Nogueira?», ou, ainda, o 1081, quase apostaríamos que não havia uma vintena de homens na Armada que respondesse pela afirmativa. Mas se disséssemos «quem conhece o «Rouxinol»?», pois quase apostaríamos que nas gerações de há 30 ou 40 anos a esta parte muito poucos responderiam pela negativa.

Não se escandalizem os devotos das letras, mas também poucos serão capazes de indicar uma das obras de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, e muito menos de Amandine Aurore Lucie Dupin, se não se acrescentar que o primeiro foi Júlio Dinis e a segunda George Sand.

«Rouxinol» foi também daqueles nomes postiços que pegou, que eclipsou o verdadeiro, que ficou na boca do mundo e na memória de todos. Quem não conhece o «Rouxinol»? Meão de estatura, cabelo como trigo maduro que foi sendo salpicado de neve, olhinhos vivos, azuis, recebeu há dias a alegria dum abraço amigo do mais antigo de todos nós, o almirante Américo Thomaz, de quem fora impedido a bordo do «5 de Outubro». «Quantos contas?», perguntou-lhe o Presidente. «Sessenta e sete!» Mas são, diga-se em verdade, 67 primaveras.

Quando assentou praça no antigo Quartel de Marinheiros, em Alcântara, logo lhe reconheceram o jeito especial de assobiar ao estilo que lhe granjeou a alcunha. Depois veio até o verso de pé-quebrado.

Ó «Rouxinol»
Que tão bem cantas
Onde aprendeste a cantar?
Foi nos mastros da «Sagres»
A navegar...

No seu vaivém de bicicleta de mais de 35 anos de ordenança, o tempo esqueceu-se dele; foi ficando com a mesma cara, o mesmo físico, faz o pino em cima do bebedouro da água arrumando em destreza qualquer jovem recruta do último alistamento. E em matéria de cumprimento, aprumado no seu selim, aí está a fotografia para mostrar como se faz a continência.

S. Machado

Medalha Comemorativa do 1.º Centenário do Almirante Silva Nogueira

Em comemoração do Dia da Marinha do corrente ano, mandou o Ministério da Marinha cunhar uma medalha em que se presta homenagem à figura do contra-almirante João Carlos da Silva Nogueira e ao histórico e patriótico feito por ele praticado em 1904, na baía dos Tigres, frente a uma poderosa esquadra russa.

São os seguintes os elementos referentes a esta medalha:

Memória descritiva

Anverso

No arco superior da orla, a legenda ALMIRANTE JOÃO C. DA SILVA NOGUEIRA, limitada por duas âncoras.
Ao centro do campo da medalha, o retrato do oficial. À esquerda e à direita deste, as datas do seu nascimento e morte.
Em baixo, à esquerda, a assinatura do autor.

Reverso

No campo da medalha uma composição representando o episódio da baía dos Tigres. A canhoneira «Limpopo», no primeiro plano, em baixo. Ao fundo, em plano recuado, a esquadra russa.
Na orla, em cima, a legenda HOMENAGEM DA MARINHA DE GUERRA.
No exergo, na orla, 1872 – PORTUGAL – 1972, assinalando o centenário do nascimento, e, em linha horizontal, a legenda BAÍA DOS TIGRES – 1904.

Notas biográficas

João Carlos da Silva Nogueira nasceu em 26-3-1872 em Vale de Prazeres, Fundão, tendo assentado praça na Armada como aspirante de 2.ª classe em 7-11-1888; passou aos Quadros da Reserva em 10-12-1934 e da Reforma em 26-3-1942 e faleceu em 20-5-1954. Foi oficial de guarnição nas corvetas «Vasco da Gama» e «Bartolomeu Dias», transporte «África», visitando divisões e estações navais e transportando tropas em serviço no ultramar, e cruzadores «Rainha D. Amélia» e «República».
Comandou o vapor «Neves Ferreira», a canhoneira «Limpopo», a lancha-canhoneira «Infante D. Manuel», o contratorpedeiro «Guadiana» e o cruzador «Adamastor».
Em terra prestou serviço no Corpo de Marinheiros, Comando-Geral da Armada e Direcção-Geral da Marinha; foi capitão dos portos de Viana do

Castelo, Nazaré e Caminha; chefiou o Estado-Maior da Divisão Naval Colonial e o Departamento Marítimo do Norte.
Em Dezembro de 1904, comandando a canhoneira «Limpopo», inscreveu o seu nome em um dos muitos episódios históricos em que a Marinha participou: a famosa esquadra russa do almirante Rodjestvensky, composta por vinte e uma unidades, dirigia-se para o Extremo Oriente a fim de defrontar os japoneses em Tsushima; ao pretender permanecer fundeada na baía dos Tigres para reabastecimento de carvão, foi-lhe imposta pelo então 1.º-tenente Silva Nogueira a sua saída das águas territoriais portuguesas, em firme e digna atitude consequente da posição de neutralidade que Portugal mantinha em relação ao conflito russo-japonês.

Entre muitas condecorações, possuía a medalha de prata da rainha D. Amélia, o grau de cavaleiro da Real Ordem Militar de S. Bento de Aviz, a medalha de ouro comemorativa das campanhas do Exército Português, o grau de comendador da Ordem Militar de Aviz, a medalha da Vitória e a medalha da Ordem Imperial de Meiji do Tesouro Sagrado, atribuída por S. M. o Imperador do Japão.

desportos

Saúde, essa Riqueza

A poluição do meio ambiente é um tema da actualidade. Não há ninguém que não fale dela nos seus mais variados aspectos. Barafusta-se, lamenta-se, emite-se opiniões e sugere-se as soluções que fàcilmente resolveriam o problema!
Ocorre-me, pensando na tal poluição que tanto nos preocupa, que, sendo ela prejudicial à nossa saúde, não é a principal culpada de tantas doenças perfeitamente evitáveis. De facto, a saúde é uma riqueza cujo valor não tem preço. Por isso devemos olhar por ela.
O organismo humano é realmente a mais maravilhosa das máquinas que circulam neste planeta. Mas, atenção! O homem, como qualquer máquina que se adquire, tem um «livro de instruções» que se deve ler com cuidado; nesse livrinho há um capítulo de especial importância que se chama «manutenção»! Não me proponho enumerar todas as normas do capítulo atrás referido, apenas me limitarei a referir três delas por me parecerem ser das mais elementares mas nem por isso menos relevantes para a conservação saudável do «nosso» homem! É evidente que o cumprimento destas normas por si só não garante uma perfeita saúde para toda a gente mas lá que ajuda muito isso é verdade! Vamos a elas:

NORMA 1 – **PESO** – Deve manter-se constante ou com pequenas flutuações. O seu peso ideal não deverá andar longe daquele que a balança acusava antes da entrada para «estas casas»! Se já não se lembra, consulte a sua ficha na D.S.S.N. Se não quiser ter essa maçada experimente vestir a jaqueta ou a blusa dos seus anos vinte e verifique se cabe lá dentro, respirando normalmente! Se coube, faça nova experiência depois de um bom almoço. Convém rodear-se destes cuidados, pois seria bastante embaraçoso numa festa ou cerimónia oficial verificar que os botões não se aguentam nas respectivas casas! E, caramba, há botões que fazem muita falta!

NORMA 2 – **ALIMENTAÇÃO** – Não possuo quaisquer conhecimentos que me permitam aconselhar o que se deve comer e o que se não deve, mas o que posso garantir é que todos sabemos perfeitamente quando comemos mais do que aquilo que realmente necessitamos. Ora, fundamentalmente, é este excesso que prejudica o cumprimento da primeira norma. É evidente que há camaradinha que por mais que coma nunca se afasta do peso ideal. Se se encontra neste pequeno número desde já lhe endereçamos os nossos invejosos parabéns! Mas a grande maioria dos mortais sofre as consequências da gula e ingere maior quantidade do que aquela que o organismo precisa. Se o seu peso continua a aumentar e você «pensa» que não exagera nas quantidades, então, consulte o médico e ele lhe dirá aquilo que deve eliminar sem prejuízo da saúde.

NORMA 3 – **ACTIVIDADE FÍSICA** – É a grande controladora das normas 1 e 2, para além de ou-

tros benefícios que concede àqueles que a praticam. Considero fundamental a prática da educação física para todo o ser pensante. E quanto mais cerebral é a actividade dum indivíduo maior deverá ser a sua preocupação em compensá-la com dispêndio de energia física. Não se pretende que todos sejam atletas em acumulação com as suas ocupações profissionais, mas o que se torna imprescindível é capacitarmo-nos da importância vital desta norma de manutenção. E como fazê-la? Para já dividamos as pessoas em duas categorias: as que *gostam* e as que *não gostam*.

Para as primeiras o problema é simples, porque quem corre por gosto não cansa, ou por outra, cansa-se menos! Escolha uma ou duas modalidades consoante a época do ano e não deixe de praticá-la. Engrene num grupo com interesses afins e verá como se sente melhor não só física como psìquicamente. Se a dificuldade é o tempo disponível, mais adiante falaremos disso.

Tratemos agora daqueles que têm aversão a este tipo de actividade. Se pertence a este grupo não desmoralize pois não ficará à margem! Tem ao seu dispor uma modalidade que lhe assenta como uma luva: andar a pé! E de que maneira? Este exercício consiste em marchar diàriamente em passo cadenciado, não muito lento, durante uma hora, sem se esquecer de levar o seu relógio. É que uma hora a andar contìnuamente é muito tempo e não é conveniente ser o próprio a cronometrar de cabeça os sessenta minutos... Tornar-se-á menos fastidiosa esta tarefa se tiver companhia. Porque não estender à família este benefício? Se o trajecto escolhido incluir umas quantas montrazitas tenho a certeza que não mais marchará sòzinho!

A falta de tempo é por vezes obstáculo sério para o cumprimento desta norma. Mas se a vontade for muita sempre se arranja uma solução.

Permito-me, até, sugerir que deveria haver da parte do serviço facilidades para que cada um dispusesse de uma tarde por semana para se dedicar à prática de educação física. De resto, isso acontece com algumas marinhas estrangeiras...

É incontroverso o benefício das práticas físicas e desportivas. Quem ganhará com isso? Os indivíduos e a própria corporação visto que, teòricamente, passará a dispor de homens mais fortes, mais saudáveis e portanto mais aptos a cumprir as missões que vierem a ser chamados a desempenhar.

P. Caeiro

notícias pessoais

CASAMENTOS

2.º-ten. SG José Ferreira Seabra casou, em 12-5-72, com D. Maria Silvina Baptista Graveta.

Subten. RN José Domingos Alves Silva Nunes casou, em 7-5-72, com D. Maria Clotilde Moutinho do Vale Alves Neves.

Subten. RN José Nabais Abelho casou, em 3-6-72, com D. Maria de Fátima Ferreira Colaço.

2.º-sarg. H – Aguiar casou, em 2-4-72, com D. Maria Júlia M. D. de Aguiar.

2.º-sarg. T – Dias casou, em 25-5-72, com D. Maria de Lurdes R. Alves.

388/66/C. L – Encarnação casou, em 19-4-72, com D. Catarina A. S. Carapinha.

1924/69/Mar. A – Martins casou, em 6-5-72, com D. Maria Antonieta Gonçalves.

617/66/Mar. CM – Ferreira casou, em 6-5-72, com D. Matilde Alves Ferreira.

54/69/Mar. FZ – Pintor casou, em 7-6-72, com D. Rosa Maria L. S. Pintor.

2786/70/1.º-gr. FZ – Pinho casou, em 21-5-72, com D. Ermesenda Melo da Silva.

PASSAGENS À RESERVA

1.º-ten. SG António Henriques Soares Albergaria colocado na situação da Reserva da Armada em 27-3-72.

Sarg.-aj. CM Alexandre Ferreira passou à Reserva Aa em 31-5-72.

Sarg.-aj. A António Domingues da Glória passou à Reserva Aa em 2-6-72.

1.º-sarg. O João António M.R.C. passou à Reserva Ab em 7-6-72.

680/Mar. FZ – Nunes passou à Reserva Aa em 7-6-72.

APOSENTAÇÃO

Fernando de Sousa Tavares, patrão de costa do QPC.

FALECIMENTOS

Cap.-ten. SG RA Joaquim Manuel Vinagre faleceu em 20-6-72.

1.º-ten. SG Ref. Alfredo João Creio faleceu em 9-6-72.

2.º-sarg. ARE – Amauri da Conceição Xarepe faleceu em 3-6-72.

2135/C. TFH – Azevedo faleceu em 10-5-72.

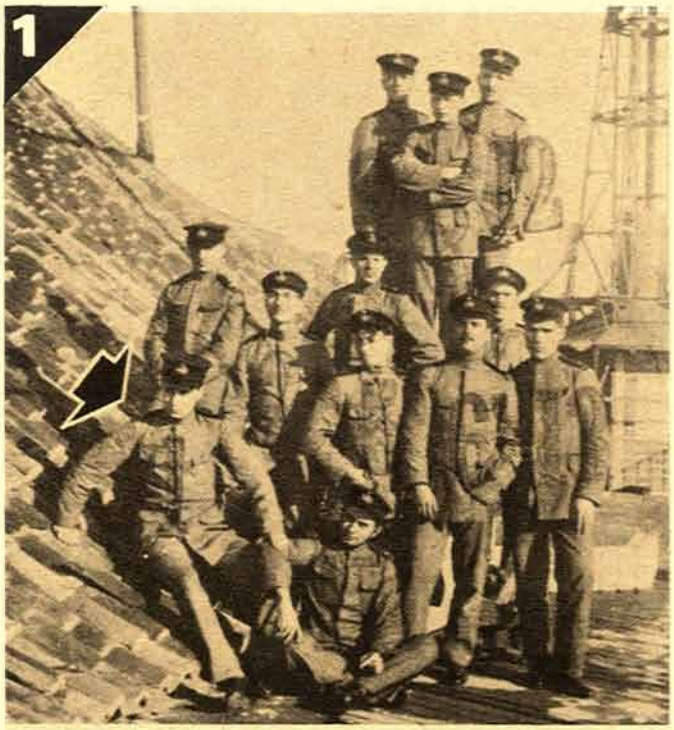
1934/67/Mar. S – Rodrigues faleceu em 23-6-72.

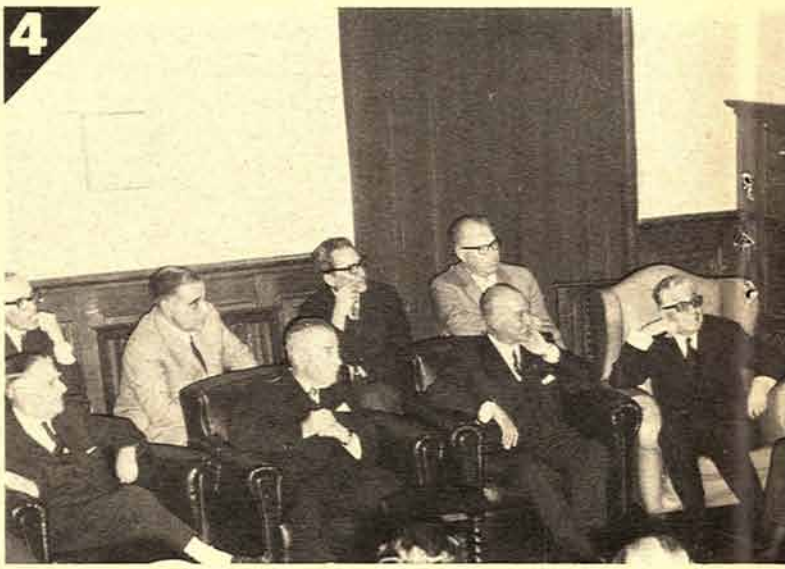
Luís da Cruz, serventuário de 1.ª classe do QPC, faleceu em Junho de 1972.

Carlos Borges Cordeiro Leite, 3.º-faroleiro do QPC, faleceu em Junho de 1972.

Reeleição de sua Excelência

Nos termos da Constituição foi reeleito no passado dia 25 de Julho para o exercício de novo mandato como Presidente da República, Sua Excelência o almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz.

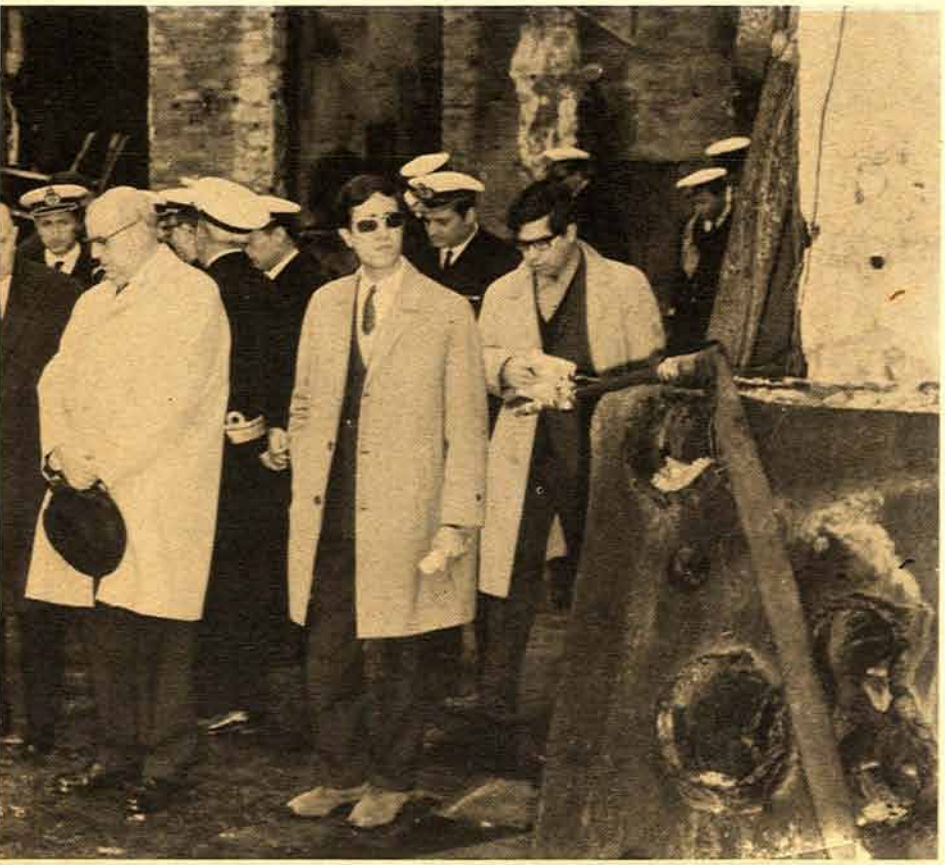




1
Curso de entrada na Escola Naval, em Setembro de 1914. Da esquerda para a direita, sentados: Aspirante de marinha Américo Deus Rodrigues Thomaz, n.º 1; aspirante de marinha Samuel da

o Presidente da República

A «Revista da Armada» presta homenagem a Sua Excelência, nunca esquecendo de que se trata do Supremo Magistrado da Nação, Comandante Supremo das Forças Armadas Portuguesas e o mais graduado dos oficiais generais da Armada Portuguesa a quem deseja longa vida e os maiores sucessos no desempenho deste novo mandato à frente dos destinos da Nação.



Conceição Vieira, n.º 11. De pé, 1.º plano: Aspirante de marinha Germano Herculano Góis, n.º 4; aspirante de marinha Adelino dos Santos Mota, n.º 2; aspirante de marinha António Marques Cabral, n.º 5; aspirante de marinha Jaime Henrique de Sá Viana Couceiro, n.º 6; aspirante de marinha Carlos Eloi da Mota e Freitas, n.º 13. No 2.º plano: Aspirante de marinha Nuno Frederico de Brion, n.º 10; aspirante de marinha António Francisco Alves Leite, n.º 3. No 3.º plano: Aspirante de marinha José Vaz de Azevedo e Silva, n.º 8. No 4.º plano: Aspirante de marinha Alberto Augusto Xavier, n.º 9; aspirante de marinha Armando Pereira de Castro Agatão Lança, n.º 12.
Do curso fazia ainda parte o aspirante de marinha Carlos Gomes de Amorim Loureiro que tinha o n.º 7 e que na altura foi quem se encarregou de fazer a fotografia.

2
Nas horas festivas da Marinha, Sua Excelência o Presidente da República tem estado sempre presente (entrega do navio-patrulha «Cacine» à Armada, em Maio de 1969).

3
E também está presente nas horas tristes da Corporação (incêndio do Instituto Hidrográfico, em Fevereiro de 1969).

4
O almirante Américo Thomaz, no Clube Militar Naval, conversa com o jornalista Norberto Lopes e vários oficiais da Armada sobre a figura de Gago Coutinho (Junho de 1969).

5
Quando os oficiais-generais da Armada ofereceram um jantar de despedida ao chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Armando de Roboredo, Sua Excelência o Presidente da República também quis participar (Janeiro de 1970).

voz da abita

De João Orlando Leal de Vasconcelos, 1.º-gr. FZE:

«Angola, 19-4-72.
«É com enorme prazer e orgulho que eu, um da tão grande família da Armada e assíduo leitor da nossa Revista, me presto a dar o meu pequenino contributo.
«Tenho dois anos e meio de Marinha e sou fuzileiro especial. Estou integrado num D.F.E., prestando serviço na grande província de Angola.
«Cá estamos há doze meses defendendo o bom nome de Portugal e o prestígio da Armada. Antes de mais, saliento que a primeira coisa que aprendemos foi a união dos oitenta homens de que se compõe o destacamento, passando a actuar como num bloco uno e indestrutível, desde o comandante à praça mais moderna.
«Passámos a utilizar como divisa a bem conhecida frase UM POR TODOS E TODOS POR UM.
«A grande harmonia existente entre nós faz que formemos uma família verdadeira e unida.
«(...) Nos meses que nos faltam para regressar à Metrópole faremos o que estiver ao nosso alcance para deixar esta nossa província com a certeza de que tudo o que por cá fizemos foi a bem de Portugal.»

De Manuel José Terra Carneiro, 1.º-gr. FZ:

«Lungué, 29-5-72.
«Foi com inteiro agrado que vi o sonho de todos nós realizado; todos nós desejávamos uma revista só nossa.
«Desde o primeiro número que a leio do princípio ao fim e, mesmo encontrando-me no Leste de Angola, ou melhor, nas Terras do Fim do Mundo, têm-me chegado todos os números, os quais são lidos como se se tratasse de uma carta da família.
«Gosto dos passatempos, em especial das palavras cruzadas, e como queria contribuir com a minha quota-parte, junto envio um problema que se acharem que vale a pena publicar muito agradecia (...).»

De António Veloso, 1.º-faroleiro, recebemos a seguinte carta:

«Como funcionário civil do Ministério da Marinha – do que muito me orgulho –, em serviço no farol de Aveiro, leio sempre com muito prazer a «Revista da Armada».
«Apela V. para que sargentos, praças e funcionários civis colaborem na nossa Revista com narrativas, versos, fotografias e desenhos. Eu que tenho modesta veia para versejar, resolvi enviar uns versos dedicados ao farol de Aveiro, os quais V. publicará se assim entender (...).»

FAROL DE AVEIRO

Ó lindo farol da barra
Que és tão lindo e altaneiro;
És guia dos mareantes
E sentinela de Aveiro.

Com os teus fachos de prata,
Qual estrela rutilante,
Tu és o guia da noite
Para todo o navegante!

E quando a procela aperta
E se aproxima o perigo,
São teus fachos que os fazem
Procurar porto de abrigo.

Se, em noites de tempestade,
O mar ruge, qual leão,
És tu, ó farol amigo,
O porto de salvação.

. . . . . .

Por isso, ó farol amigo,
Continua a rutilar
Para dares vida e certeza
A quem anda sobre o mar!

De Abílio Morgado Martins, 1.º-gr. FZ:

«Zaire, 17 de Maio de 1972.
«Há, sim, até muito que contar! E isto, resumindo o que um pequeno mas muito significativo grupo de homens tem feito ao longo de 22 meses de espinhosa comissão em Angola. Afinal do que se trata? Que grupo é esse? Há tantos grupos formados e tantas comissões que se fazem!
«(...) O grupo de que vos venho falar é a «Equipa de Estudos da C.F. 4», assim designado pelo seu guia. Por onde começar? Talvez pela sua origem, pela sua tão difícil formação, continuar pelas raízes tão fortes que criou e acabar nos saborosos frutos que já deu e nos que ainda tem para dar.
«Vou tentar resumir:

QUERER É PODER E A VONTADE ABRE O CAMINHO

«Foi ainda na Metrópole, em Junho de 1970, que, após obtida autorização do respectivo comandante, o imediato da Companhia de Fuzileiros N.º 4, 2.º-ten. SE Josué Domingos Candeias, em reunião com o seu pessoal, proferiu esta célebre frase e pediu voluntários para fazerem parte de uma equipa de estudos que tinha em vista formar.
«Logo que a C.F. 4 chegou a Angola – 19-7-1970 –, tratou aquele oficial de reunir os voluntários para a sua equipa, pedir colaboradores para ministrar as aulas, distribuir matérias, fazer horários, solicitar a aquisição de livros e outro material didáctico, etc.
«Iniciaram-se imediatamente as aulas, com um grupo aproximado de 30 elementos, todos eles praças, tendo em vista a preparação deste pessoal para exame ao CICLO PREPARATÓRIO das escolas secundárias. Começaram então a surgir os mais estranhos e insolúveis problemas, ori-

ginados umas vezes pela falta dos improvisados explicadores, outros pela dos alunos, que não suportavam as aulas a par da demasiada frequência dos serviços de escala, outros pelas conversas desmoralizadoras de camaradas e diversas pessoas que haviam já colhido experiência de outros grupos semelhantes, que tinham começado com a mesma força e acabaram por se desagregar e nada conseguir, e mais, mais e mais...

«Nos fins de Novembro de 1970, ainda o grupo se encontrava em pé e, por motivos operacionais, a C.F. 4 teve de se fragmentar; aproveita então o oficial imediato para levar consigo todos os elementos que ainda faziam parte da EQUIPA DE ESTUDOS. Viveu este grupo de homens 4 meses de completo isolamento, numa zona do rio Zaire que briosamente defendia, não descurando um minuto só, nas horas que lhe cabia para tal, o estudo a que se havia proposto.

«Eis que chega Junho de 1971: na vila de Santo António do Zaire, vivem agora 15 homens momentos que jamais se apagarão das suas memórias: são, finalmente, propostos a exame do CICLO PREPARATÓRIO. Que incerteza, que insegurança e como todos se encontravam indecisos...! Não admira, não tinham assistido a uma única aula oficial, nem medido forças com outros alunos do mesmo ciclo.

«Resultado dos exames:
13 aprovados
2 reprovados
8 dispensados das orais, dos 13 aprovados.

«Assim, merecidamente coroados de êxito os esforços deste modesto GRUPO, arranca-se, em seguida, com ânimo redobrado, para outra etapa ainda mais íngreme, arrastando e dando a sua mão de bom amigo *a dez outros camaradas* que a 6 de Maio do corrente ano fazem, com brilhante sucesso, o seu exame do CICLO PREPARATÓRIO, no Liceu D. João II, de Luanda. Abre-se aqui um parêntese para mencionar o apoio sempre activo, da parte do Comando da Defesa Marítima de Santo António do Zaire e do próprio comandante da companhia, 1.º-ten. SE António Carlos Simões. «(...) Onde está o dinamismo, a força de acção, o espírito de sacrifício, a capacidade de organização, a disciplina, o valor e o saber que impulsionaram estes homens para a vitória alcançada? Que conseguirão eles mais? Que exemplo deram aos seus camaradas da sua e outras unidades? Que sentirão os seus familiares ao vê-los chegar mais homens, mais cultos e mais preparados para a sua vida futura? Que dirão eles amanhã da Marinha? Que contributo deram eles para futuros e melhores marinheiros? Que exemplo deram eles de coragem, de audácia, de trabalho, de ligação, de entreajuda, de cidadão, de valor e de amor pátrio...?

NUMA MÃO SEMPRE A ESPADA E NOUTRA A PENA

«Sendo esta a sua divisa, teria este grupo deixado esquecida a *espada?* De certo que não – pudesse eu aqui relatar as horas, os dias, as semanas e os meses que se passaram de intenso labor, de vigília constante, de arma em punho, de esforço contínuo através de matas, de pântanos, de canais, de muílas, cumprindo sempre fielmente a sua missão de bom militar, de homem e de português, enfrentando a cada momento o perigo que lhe podia roubar a vida, que por certo seriam igualmente informações de merecida glória. Mas estas são considerações que só às entidades competentes caberá fazer (...).

«Junto envio uma fotografia obtida por altura dos exames que ilustrará a página onde as minhas palavras couberem.»

A BANDA DA ARMADA

Não se conhece a data exacta da criação da Banda da Armada. Sabe-se, contudo, que foi por volta de 1911. Antes, existia uma afamada charanga constituída por cerca de cinquenta executantes que, com a inclusão de um maior número de instrumentos de palheta e a redução de alguns de bocal, foi transformada em banda pelo distinto músico e seu primeiro chefe António Maria Chéu. Desde então, a sua capacidade artística tem registado altos e baixos e teve a sua melhor constituição em 1921 (pelo menos no que diz respeito aos postos dos seus componentes), contando nessa altura 92 executantes, todos sargentos. Presentemente, quando ficar completo o quadro dos músicos, o número dos seus elementos será de 60 sargentos e 40 praças. Em 1912, sucedendo a António Maria Chéu, foi seu regente José de Oliveira Brito, músico de grande finura, e, em 1920, tomou o lugar deste Artur Fernandes Fão, artista muito competente e pertencente a uma família de músicos ilustres. A partir de 1956 a Banda da Armada passou a ser dirigida por Marcos Romão dos Réis Júnior.

Exceptuando um lamentável período de decadência, a sua actividade tem sido desde sempre de certo modo intensa e, assim, no ano transacto, efectuou cento e cinco serviços externos distribuídos entre cerimónias militares, concertos no Grupo n.º 2 de Escolas (unidade a que pertence), Jardim da Estrela, Vila Praia de Âncora, Vila Franca de Xira, Seixal, Barreiro, Escola Francisco de Arruda e Teatro da Trindade. No salão da Secretaria de Estado de Informação e Turismo actuaram também, num serão, pequenos conjuntos instrumentais extraídos da Banda. Os concertos realizados no Teatro da Trindade, envolvendo já enorme responsabilidade pelo facto de serem alternados com os de uma grande banda militar e de estarem sujeitos à crítica da imprensa oficial, só foram possíveis graças à colaboração efectiva de alguns executantes provenientes de um aumento do quadro dos músicos que se está a processar com vista à formação de uma pequena Banda Marcial. Para manter a actividade acima referida foi necessário realizar em 1971 cerca de 160 ensaios, trabalho este que, juntamente com a instrução preparatória dos concursos para promoção, tem lugar, respectivamente, nas manhãs e tardes disponíveis no pavilhão que a Banda ocupa no antigo Quartel de Marinheiros, em Alcântara.

A sua mais longa e distante digressão deu-se em 1922, aquando das festas do Centenário da Independência do Brasil. Por essa ocasião, uma pequena banda organizada com elementos escolhidos entre os melhores e chefiada por Artur Fernandes Fão, então seu chefe, acompanhou Sua Excelência o Presidente da República na viagem que efectuou àquele país, fazendo-se ouvir no Rio de Janeiro. Há cerca de dois anos foi lançado no mercado, por uma casa comercial, um disco com doze marchas militares gravadas pela Banda da Armada, uma das quais se ouve frequentemente na RTP durante o anúncio de voluntários para a Marinha. Recentemente foi, também, autorizada a gravação de outro disco do mesmo género.

No dia 19 de Março passado, a Banda efectuou no Teatro da Trindade o último de uma nova série de concertos públicos gratuitos, o qual teve a honrosa presença de Sua Excelência o Presidente da República, ministro da Marinha, chefe do Estado-Maior da Armada e outras altas personalidades, além de numeroso público. Esta série foi gravada pela Emissora Nacional para ser transmitida através da sua programação.

O recrutamento do pessoal é feito através de concursos públicos e a instrução musical é ministrada em obediência a programas muito semelhantes aos usados no Conservatório Nacional. É neste estabelecimento de ensino que se realizam as provas de conhecimentos técnicos dos concursos para promoção aos vários postos e a sua frequência tem sido facultada aos executantes da Banda, até porque, para os músicos militares, são gratuitas as matrículas.

Adquirindo os componentes da Banda bons conhecimentos profissionais e sendo muitos deles valores altamente positivos como instrumentistas, a sua colaboração é frequentemente solicitada pelas orquestras sinfónicas e ligeiras, coros, teatros, casinos, boîtes, programas televisionados, gravações de discos, etc., não resistindo alguns deles à tentação das vantagens que a música lhes dá na vida civil.

Não havendo obras especiais para bandas militares e dado que os compositores de nomeada muito raramente escrevem para bandas, grande parte do seu reportório é constituído por transcrições de orquestra. Existe, todavia, no seu arquivo muita música original escrita por categorizados chefes de banda estrangeiros e nacionais.

Nos programas dos seus concertos procura-se sempre incluir trechos que, sendo de bons autores, antigos ou modernos, possam também agradar à maioria do público. Nas suas marchas militares, principalmente nas utilizadas para desfiles, presta-se muito especial atenção à sua marcialidade, ao seu ritmo vigoroso e ao seu poder sonoro, dando-se preferência às que podem proporcionar a integração do conjunto banda-fanfarra. Algumas destas marchas são propositadamente escritas pelos seus chefes e até pelos seus componentes.

Na constituição do quadro actual dos músicos existe apenas um problema: devido ao diminuto número de sargentos em relação ao total de praças, num futuro próximo a promoção destas tornar-se-á demasiadamente demorada e este facto provocará certamente uma quebra apreciável no seu presente entusiasmo. Julga-se, contudo, que, sem prejuízo sensível e, talvez mesmo sem aumento de despesa, este inconveniente poderia ser atenuado se aquele quadro passasse a ser de 70 sargentos e 20 praças. Mas, de qualquer modo, não há dúvida de que a Banda da Armada está a atravessar uma fase francamente progressiva e que os seus componentes tudo fazem (justiça lhes seja feita) para a elevar a um nível artístico que jamais atingiu.

M. Romão

filatelia

FILATELIA TEMÁTICA

Em continuação do nosso apontamento sobre iniciação filatélica, diremos que, com o aparecimento dos selos comemorativos, uma nova era nasceu para a filatelia, já que a estes se seguiram outros, focando os mais variados motivos e tipos e ocupando-se dos mais diversos assuntos, aspectos e significados.

Os coleccionadores, sempre atentos a todos os pormenores, em presença deste novo aspecto dos selos, criaram no coleccionismo uma nova modalidade – a temática – que consiste em dedicar especial interesse e coleccionar selos que se ocupam apenas de determinado significado, aspecto ou assunto. Esta curiosíssima variante está actualmente muito difundida e, pode dizer-se, ocupa-se dos mais variados e diversos temas que se possa imaginar.

Monumentos, poetas, desportos, música, tudo serve para fazer uma colecção temática. Curioso é ainda que o filatelista pode individualizar as características de cada tema, originando uma necessidade permanente de contactos e estudo de tudo que ocorre no mundo dos selos.

Suponhamos um coleccionador temático interessado em selos onde aparecem animais mamíferos, particularizando cavalos ou coelhos, e outro em selos com flores, sobretudo nos que tratam de rosas ou orquídeas. Com facilidade, deduzimos as dificuldades e pesquisas que estes filatelistas têm de vencer para aumentar as suas colecções não só pela raridade de emissões que foquem o seu tema preferido mas ainda por que muitas vezes os vão encontrar em temas muito diferentes do seu. Na verdade, acontece, com frequência, um selo servir a vários temas. Alguns selos portugueses têm procura em todo o mundo filatélico precisamente por conterem algo de significativo dentro de temáticas individualizadas. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a série comemorativa do centenário do Clube Militar Naval, posta a circular nas províncias ultramarinas em 1969, que satisfez e encantou plenamente os temáticos especializados em *centenários, emblemas, navegadores, cientistas, aviação, barcos* e *insectos*.

Um tema universalmente generalizado e de muito agrado dos marinheiros é precisamente o de *barcos*, havendo coleccionadores especializados em *barcos de guerra, a vapor, veleiros* e *de desporto*.

Trata-se, na realidade, de uma interessantíssima forma de coleccionar que, como é evidente, origina preciosas colecções onde a cultura, a arte e o engenho estão intimamente unidos e devidamente referenciados.

G. Brandão

NOVOS SELOS ULTRAMARINOS

Para comemorar os Vigésimos Jogos Olímpicos, a realizar em Munique, na Alemanha, o Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação vinte milhões de selos postais tendo como motivos diversas modalidades desportivas praticadas nas nossas províncias ultramarinas, nas taxas seguintes: 4$00, para Cabo Verde; 2$50, para a Guiné; 1$50, para S. Tomé e Príncipe; $50, para Angola; 3$00, para Moçambique; 50 avos, para Macau, e 4$50, para Timor.

Os selos foram postos à venda no dia 20 de Junho, tendo sido usados em todas as estações centrais das capitais carimbos de primeiro dia de circulação.

O carimbo de primeiro dia de S. Tomé apresenta um curioso erro, pois a data está ao contrário. Observámos este erro num sobrescrito que nos foi enviado daquela província por elemento da nossa corporação ali em serviço, ao qual agradecemos.

SELOS DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE

O 1.º-sarg. C – Horácio Gonçalves Torres, em serviço na província ultramarina de S. Tomé e Príncipe, oferece os seus préstimos aos filatelistas leitores da nossa Revista para aquisição de selos e obtenção de carimbos do primeiro dia postos a circular naquela província.

O seu endereço é: Caixa Postal 261 – S. Tomé.

RECTIFICAÇÃO

No apontamento sobre os selos comemorativos da 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul, publicado no n.º 7 da nossa Revista, onde se lê «por uma caravela de quinhentos» deve ler-se «por uma nau de quinhentos».

PELO MUNDO

24-Julho – França – Selo comemorativo do Campeonato do Mundo de Ciclismo, com a taxa de 1 franco. Como habitualmente, houve carimbo de primeiro dia de circulação. 26-Julho – Suriname – Durante um período indeterminado a administração postal de Suriname emitirá e porá em circulação uma série de 13 selos de avião, tendo como motivos borboletas que se encontram no país. 21-Agosto – Áustria – Serão postos em circulação dois selos comemorativos da Exposição de Arte Gótica e do Percurso Austríaco da Chama Olímpica 72.

No mês de Setembro próximo os correios austríacos emitirão e porão em circulação um selo da taxa de 4 S,comemorativo do 350.º aniversário da Universidade Paris-Londres, em Salisburgo.

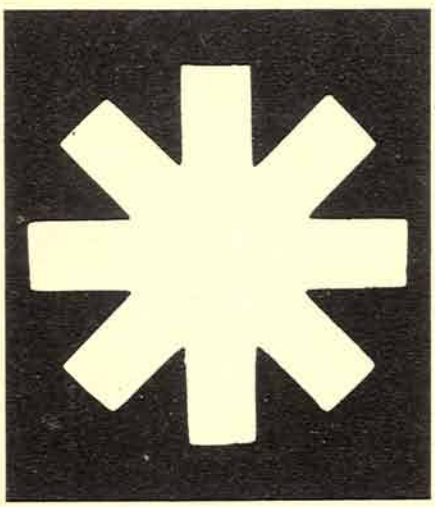
António Vieira Pinto
Mar. A

TROCAS FILATÉLICAS

Como prometemos anteriormente, em artigo sob este título, iremos iniciar a publicação de direcções de clubes filatélicos nacionais e estrangeiros. Além disso, e para promover uma maior aproximação entre os filatelistas da Armada, publicaremos nesta rubrica anúncios de trocas entre os mesmos. Para isso, basta ser-nos enviado um simples postal (Av. Fernão Magalhães, 817 – Porto) com a necessária identificação e o texto do anúncio de trocas que se deseja.

Clubes, agremiações e núcleos (Portugal): Associação Recreativa Aurora da Liberdade, Rua do Godinho – Matosinhos; Clube dos Galitos, Praça Dr. Melo Freitas – Aveiro (este clube edita a revista «Selos & Moedas», de distribuição gratuita aos sócios); Núcleo Filatélico de Alhandra – Alhandra; Clube Filatélico de Portugal, Av. Almirante Reis, 70-5.º – Lisboa (edita o boletim «Clube Filatélico de Portugal» para distribuição aos seus sócios); Núcleo Filatélico da Covilhã – Covilhã.

CURIOSIDADES



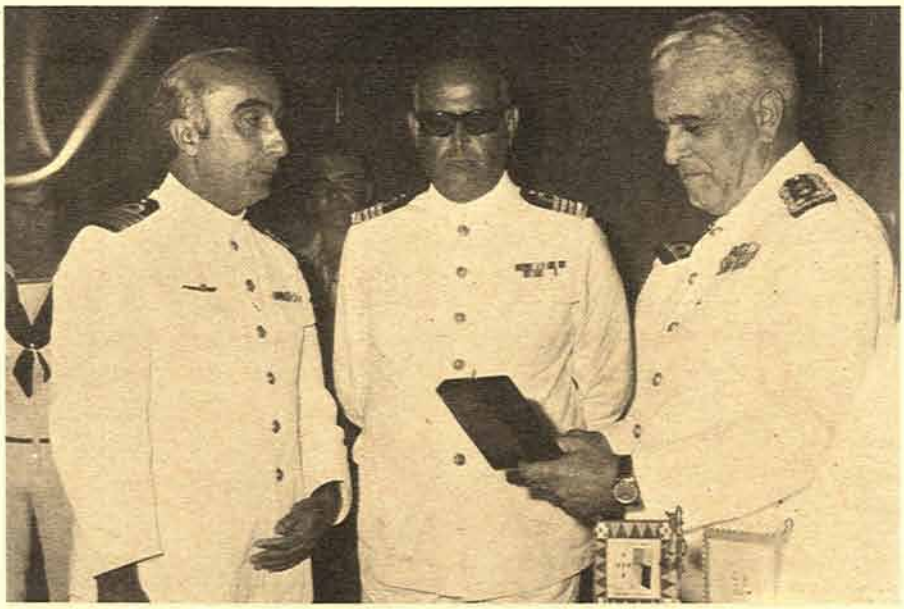
CURIOSIDADES

A secção de brídege do Havre Athletic Club organizou o primeiro cruzeiro francês de brídege, a bordo do paquete «De-Grasse», da Compagnie Générale Transatlantique, que, partindo de Marselha e escalando Lisboa, chegou ao Havre no passado mês de Maio. Integrados neste cruzeiro, os interessados na Bolsa puderam estudar a gestão de papéis de crédito com os especialistas da revista «Les Informations».

A Escola Superior de Navegação de Hamburgo vai criar um centro de pesquisas sobre a marinha mercante cujo programa inicial prevê estudos sociológicos (relações dos marinheiros com as suas famílias, tripulações polivalentes) além de pesquisas técnicas, jurídicas e económicas.

Nos meses de Maio e Junho do próximo ano vai realizar-se a bordo do navio «Muxima» uma exposição flutuante de produtos portugueses da Metrópole e das províncias ultramarinas que percorrerá os portos da França, Bélgica, Holanda e Alemanha, com demora de dois dias em cada porto.

(Do «Boletim Analítico da J.N.M.M.» de Abril, 1972)



NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE

Ao completar, no passado dia 28 de Março, dois anos da sua chegada à província, o comandante Naval, contra-almirante Jaime Lopes, foi homenageado pelo pessoal militar e civil em serviço no Comando e Direcção Provincial dos Serviços de Marinha que, festejando a data, lhe fizeram entrega de uma placa alusiva ao acontecimento.

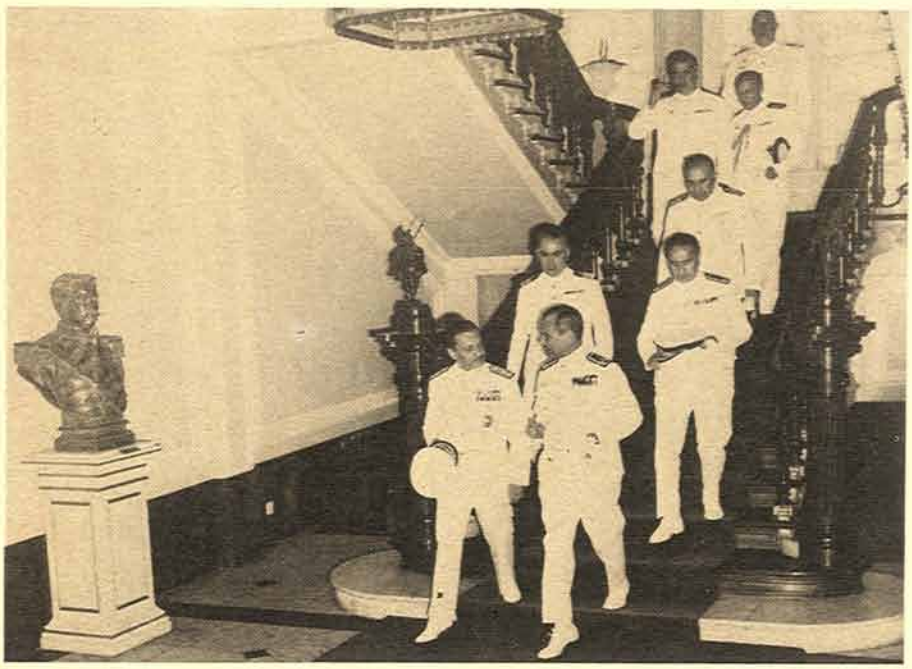
SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITOU A BASE NAVAL DE LISBOA

No passado dia 31 de Maio, Sua Excelência o Presidente da República efectuou a sua tradicional visita às instalações da Base Naval de Lisboa.

Recebido pelo ministro da Marinha, chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e superintendentes dos Serviços do Material e do Pessoal, contra-almirantes Santos e Silva e Soares Branco, respectivamente, Sua Excelência o Chefe do Estado começou por visitar a Escola de Armas Submarinas, recentemente concluída, as instalações da peça de 100 mm na Escola de Artilharia Naval e o novo navio-balizador «Schultz Xavier», construído no Arsenal do Alfeite.

Sua Excelência o Presidente da República deslocou-se depois ao miradouro do Alfeite, onde era aguardado pelo comandante Naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro, após o que foi servido um almoço em que participaram todas as entidades presentes.

VISITA A LISBOA DO CRUZADOR «CANÁRIAS» DA ARMADA ESPANHOLA



Comandado pelo capitão-de-mar-e-guerra Rey-Stolle de la Peña e trazendo embarcado o comandante-geral da Esquadra, vice-almirante Pita da Veiga Sanz, permaneceu entre nós, de 3 a 6 de Junho, o cruzador «Canárias», da Marinha de Espanha.

O vice-almirante Pita da Veiga Sanz efectuou visitas de cumprimentos ao ministro da Marinha, chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e contra-almirante Ferrer Caeiro, comandante Naval do Continente, tendo também realizado uma visita às instalações da Base Naval de Lisboa, a que se seguiu um almoço oferecido pelo comandante Naval do Continente.

CADETES E ASPIRANTES DA ESCOLA NAVAL EM VIAGENS DE INSTRUÇÃO

Largou do nosso porto, no dia 5 de Junho, o navio-escola «Sagres» que, sob o comando do capitão-de-fragata Ferreira da Costa, vai realizar a viagem de instrução dos 69 cadetes do 1.º ano do Curso Almirante Campos Rodrigues.

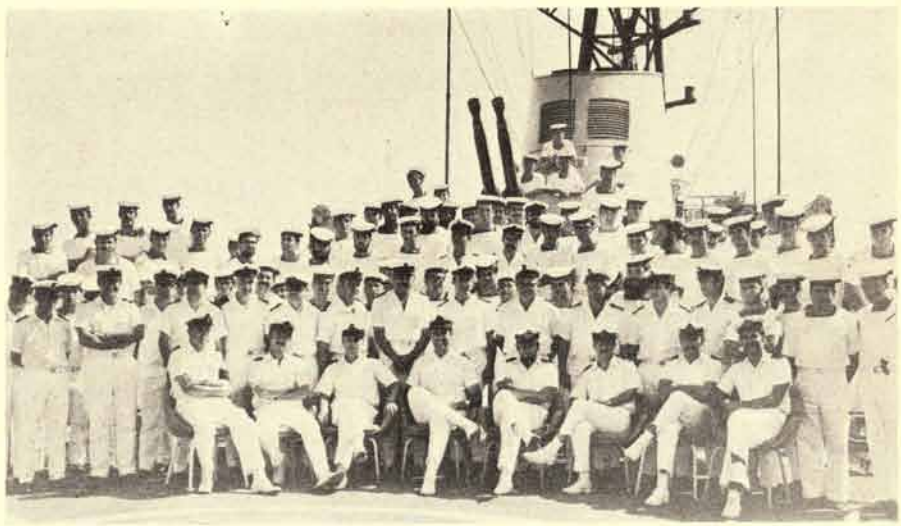
A «Sagres» escalará os portos do Funchal, Hamilton (Bermudas), Nova Iorque, Fall River, New Bedford, Boston e Ponta Delgada, estando previsto o seu regresso a Lisboa em fins de Agosto.

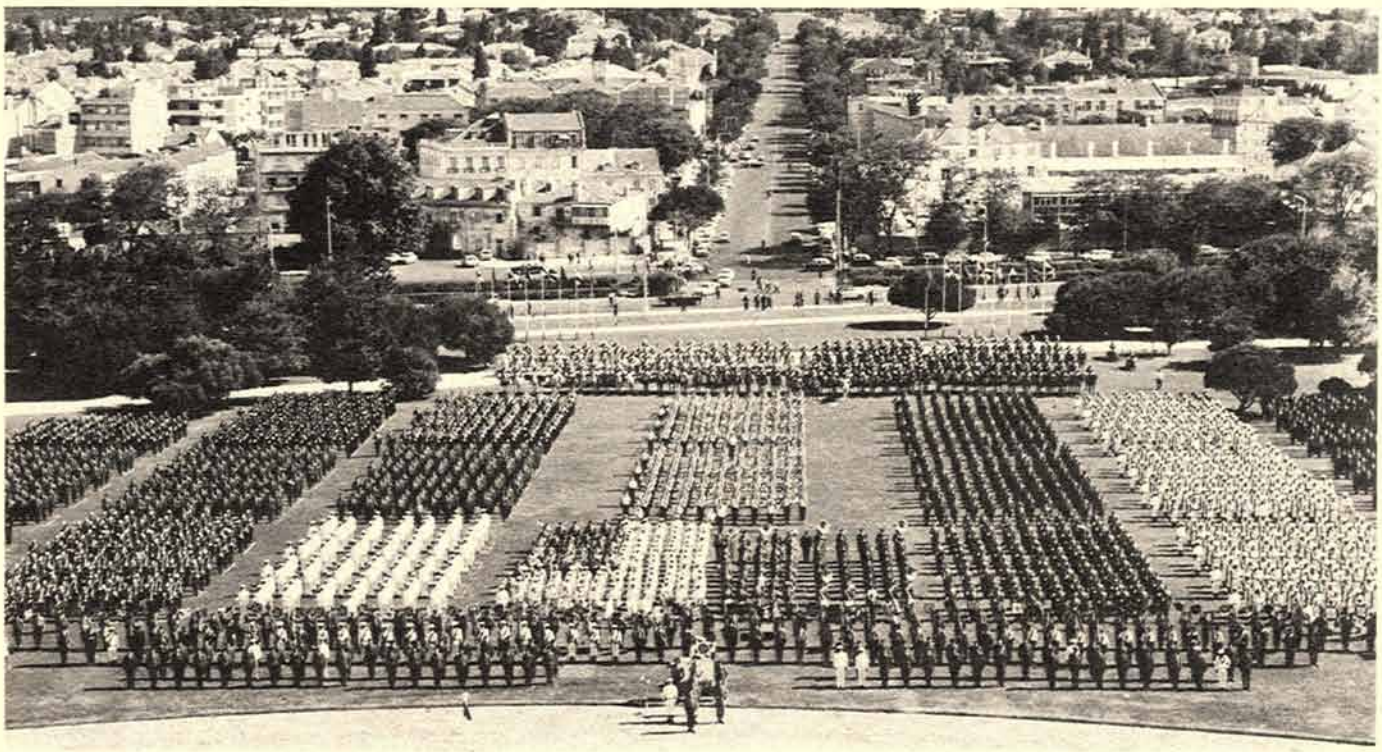
Os aspirantes do 2.º ano do Curso Almirante Baptista de Andrade iniciaram, por sua vez, no dia 7 de Junho, na fragata «Comandante João Belo», do comando do capitão-de-fragata Garrido Borges, a sua viagem de instrução, que terá a duração de 2 meses, durante os quais visitarão os portos de Ponta Delgada, Halifax, Provincetown, Providence, Hamilton, Porto Santo, Funchal e Praia da Rocha.

A CORVETA «AUGUSTO DE CASTILHO» REGRESSA DO ULTRAMAR

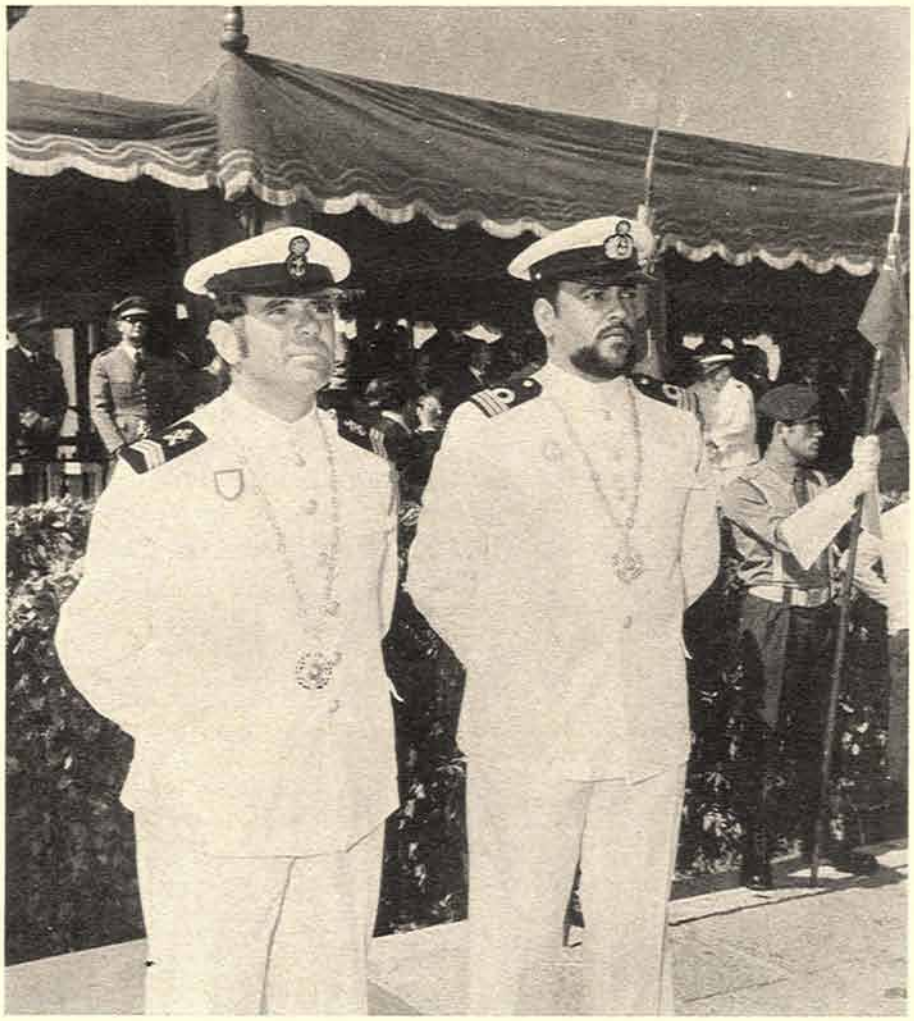
Chegou a Lisboa, no dia 12 de Junho, a corveta «Augusto de Castilho», de regresso de comissão no arquipélago de Cabo Verde, onde, a par de intensa actividade operacional, teve acção destacada no salvamento de 26 náufragos do navio grego «Lelaps».

A apresentar cumprimentos em nome do ministro da Marinha e do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, deslocou-se a bordo o capitão-de-mar-e-guerra Belo de Carvalho, que desejou boas-vindas ao comandante, capitão-tenente Malheiro Garcia, e a toda a guarnição daquele navio.





HOMENAGEM AOS MILITARES DOS TRÊS RAMOS DAS FORÇAS ARMADAS NO DIA DE PORTUGAL



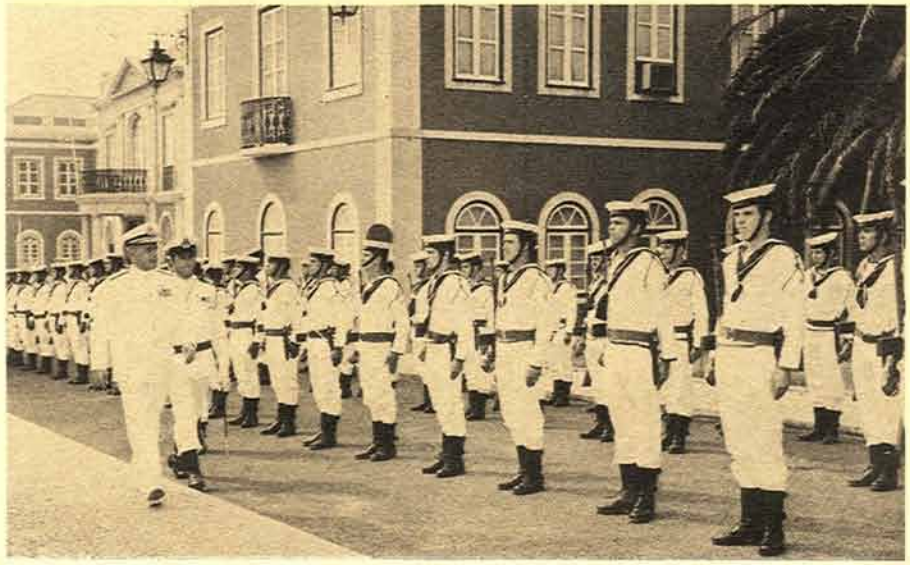
As cerimónias militares comemorativas do dia 10 de Junho, em Lisboa, decorreram junto à Torre de Belém, sob a presidência de Sua Excelência o Presidente da República e a assistência de Sua Excelência o Presidente do Conselho, membros do Governo, patriarca de Lisboa, altas individualidades e muito público.

As forças em parada perfaziam um total de 3000 homens, tendo sido condecorados 89 militares, dos quais os seguintes com a Ordem da Torre e Espada: tenente-coronel piloto aviador Orlando José Saraiva Amaral, primeiro-tenente fuzileiro Alberto Rebordão de Brito, capitão miliciano de cavalaria Álvaro Manuel Alves Cardoso e segundo-sargento fuzileiro especial António Ribeiro Pais.

Também em outras cidades do País, membros do Governo e altas entidades galardoaram militares por feitos praticados em combate.

O primeiro-tenente fuzileiro Rebordão de Brito e o segundo-sargento fuzileiro especial Ribeiro Pais foram recebidos em audiência no dia 12 de Junho pelo chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, que, pessoalmente, os quis cumprimentar e felicitar pela distinção conferida, significativa do alto valor do comportamento demonstrado por estes militares em combate.

VISITA A PORTUGAL DO VICE-ALMIRANTE SOARES JÚNIOR DA ARMADA BRASILEIRA



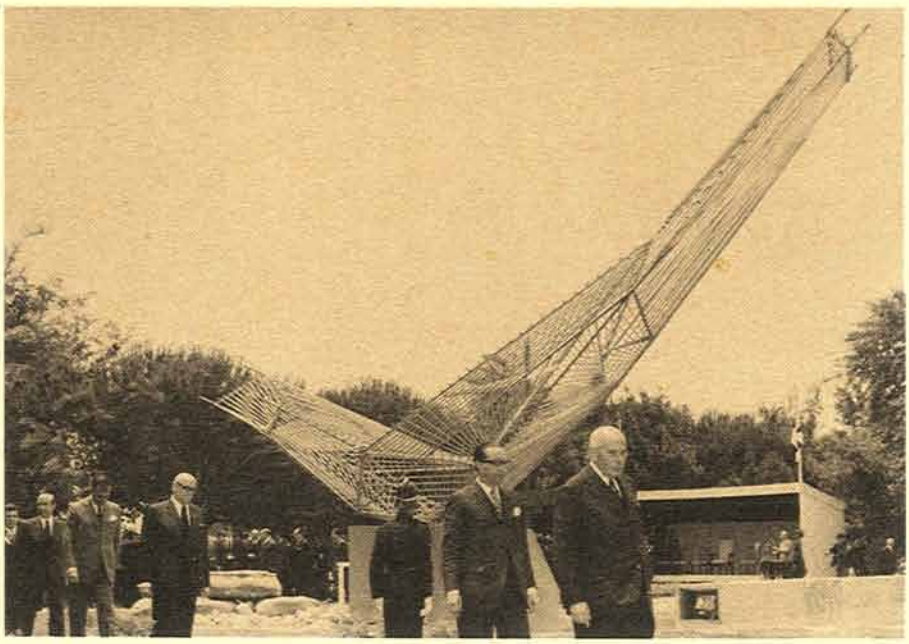
A convite da Marinha Portuguesa permaneceu entre nós, de 13 a 19 de Junho, o vice-almirante José Leite Soares Júnior que, acompanhado de sua esposa e de um oficial ajudante, veio assistir ao encerramento das comemorações do cinquentenário da travessia aérea do Atlântico Sul.

O vice-almirante Soares Júnior apresentou cumprimentos ao ministro da Marinha que o condecorou, bem como ao seu ajudante, com a medalha de Mérito Militar; apresentou também cumprimentos ao chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e ao comandante Naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro; efectuou visitas ao Museu de Marinha, à Base Naval de Lisboa e à Escola Naval, onde foi recebido pelo respectivo comandante, comodoro Fragoso de Matos, tendo participado ainda na cerimónia da inauguração do Monumento a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, por Sua Excelência o Presidente da República.

LISBOA TEM MAIS UM MONUMENTO: EM EVOCAÇÃO DO FEITO GLORIOSO DE SACADURA CABRAL E GAGO COUTINHO

No dia 17 de Junho, Sua Excelência o Presidente da República inaugurou em Belém o monumento mandado erigir pela Câmara Municipal de Lisboa recordando o feito glorioso que constituiu há 50 anos a travessia aérea do Atlântico Sul levada a cabo pelos dois heróicos oficiais da Armada.

Ao acto assistiram, além do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, os ministros da Marinha e das Comunicações, os secretários de Estado da Aeronáutica e das Comunicações e Transportes, membros do Corpo Diplomático, altas patentes da Armada e da Força Aérea portuguesas e brasileiras, entidades e individualidades e muito público, entre o qual se contava Roger Soubiran, mecânico francês que prestou assistência àqueles dois gloriosos marinheiros e aviadores.



O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Santos e Castro, pronunciou algumas palavras alusivas à cerimónia que iria decorrer, após o que Sua Excelência o Presidente da República procedeu ao descerramento do monumento, findo o que o general brasileiro Faber Cintra leu a mensagem enviada pelo ministro da Aeronáutica do Brasil, general Araripe Macedo.

Finalmente, o jornalista Maurício de Oliveira proferiu uma brilhante palestra evocativa do feito e da figura dos ilustres oficiais da Armada Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

JURAMENTO DE BANDEIRA DE 752 ALUNOS VOLUNTÁRIOS EM VILA FRANCA DE XIRA

No Grupo N.º 1 de Escolas da Armada e sob a presidência do ministro da Marinha, realizou-se no dia 23 de Junho o juramento de bandeira de 752 alunos voluntários e do curso de alistamento da taifa, que constituem a 2.ª incorporação do ano de 1972.
À cerimónia assistiram o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; o governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta; oficiais generais e superiores da Armada; o presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, tenente-coronel Vargas de Matos, e vários adidos militares estrangeiros, além do comandante da unidade, capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha, e toda a oficialidade e elementos da guarnição daquele Grupo de Escolas.
Depois da exortação aos recrutas e da distribuição de prémios escolares, foi proferida a fórmula do juramento de bandeira, após o que o batalhão escolar desfilou sob o comando do capitão-tenente Vasconcelos Castelo, findando a cerimónia com exercícios de preparação física e de manejo de armas.

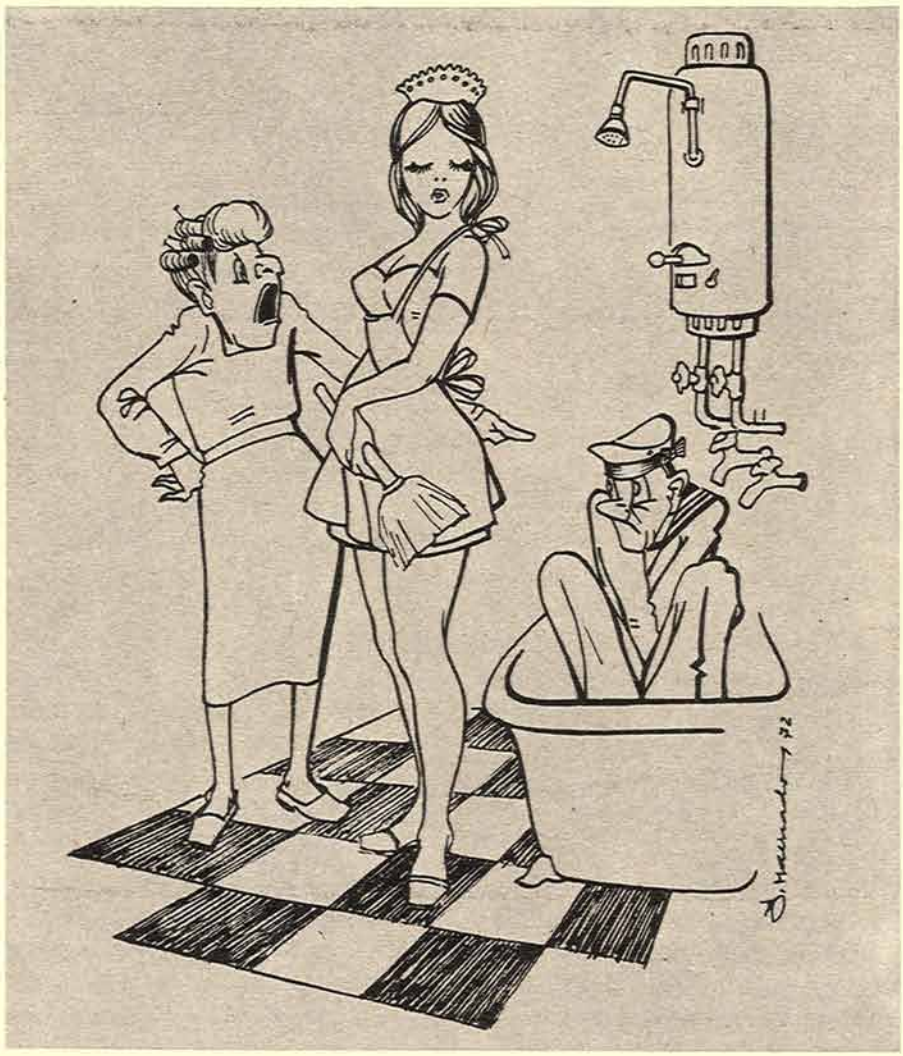
ENCERRAMENTO NO BRASIL DAS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

Alguns dos elementos pertencentes à Comissão Nacional para as Comemorações do Cinquentenário da 1.ª Travessia Aérea Lisboa-Rio de Janeiro deslocaram-se ao Brasil para assistirem ao fecho das cerimónias ali realizadas recordando o glorioso feito.
A partida fez-se em 17 de Junho, data da conclusão da travessia, num dos novos aviões gigantes da TAP – o «Boeing 747» «Portugal».
As principais cerimónias realizadas foram: pela Marinha de Guerra Brasileira, nas ilhas das Enxadas, antiga base de hidroaviões, onde amarou o «Santa Cruz», formatura geral, içar solene das bandeiras de Portugal e do Brasil, salvas por navios de guerra, amaragens de hidroaviões da Força Aérea Brasileira e palestra alusiva pelo almirante Bierrembach; no aeródromo Santos Dumont, inauguração duma placa no local onde será erigido o monumento a Sacadura Cabral e a Gago Coutinho; no Gabinete Português de Leitura, conferência por um dos elementos da comissão – dr. Caetano de Carvalho.
Acompanharam a comissão vários convidados, entre os quais familiares de Sacadura Cabral, pioneiros da aviação (militar e naval) e sobreviventes dos navios de guerra que apoiaram a travessia.
Comissão e convidados deslocaram-se a Brasília num avião da F.A.B., sendo recebidos pelos ministros da Marinha e da Aeronáutica, vice-presidente da República e, finalmente, pelo presidente Médici.
Todos manifestaram a sua amizade por Portugal e pelos portugueses com palavras de alto significado.
Os componentes da comissão e os convidados regressaram encantados com as belezas do Rio e com a forma carinhosa e amiga como foram recebidos no Brasil.

NOVO COMANDANTE DA ÁREA IBERO-ATLÂNTICA

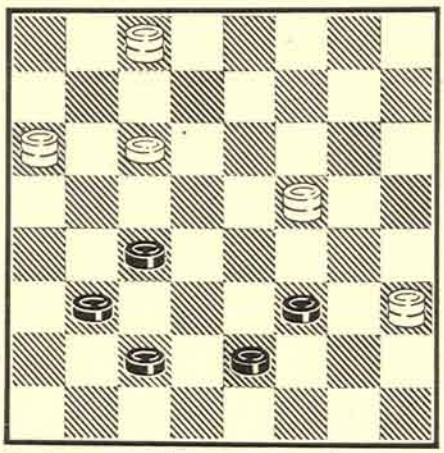
No passado dia 27 de Junho o ministro da Marinha recebeu no seu gabinete o contra-almirante Robert B. Erly, que vem substituir nas funções de comandante da Área Ibero-Atlântica o contra-almirante Eugene B. Fluckey.
Os dois oficiais generais apresentaram também cumprimentos aos chefe e vice-chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos e contra-almirante Tierno Bagulho, respectivamente.

quarto de folga



– Maria! Que faz um marinheiro na sua banheira?!
– Não faço ideia, minha senhora, se calhar veio na água.

DAMAS



As brancas jogam e ganham.

(Solução na página 34)

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Continuamos a apresentar, extraídos da mesma publicação que já anteriormente referimos, mais quatro problemas:

13.º

A B C D
D C B A

* * * *

12 3 0 0

A, B, C e D são quatro dígitos em ordem crescente. D, C, B e A são os mesmos dígitos em ordem decrescente. Os quatro asteriscos representam os mesmos dígitos mas numa ordem não conhecida. Se a soma for 12 300, qual é o número representado pelos asteriscos?

14.º

Ache dois números positivos e inteiros x e y de tal forma que o produto do seu máximo divisor comum pelo seu menor múltiplo comum seja xy.

15.º

«O Carlos tem mais de mil livros», disse o João.
«Não tem», disse o António. «Tem menos do que isso.»
«Ah, mas tem de certeza um livro pelo menos», disse a Manuela.
Se apenas uma das afirmações for verdadeira, quantos livros é que tem o Carlos?

16.º

Entre nós, uma data como, por exemplo, 10 de Junho de 1972 poderá escrever-se abreviadamente da seguinte forma: 10-6-72, mas, na América, por exemplo, a mesma data escrever-se-á normalmente 6-10-72. Se não soubermos qual o sistema que está a ser usado na datagem, quantas datas, num ano, poderão ser ambíguas?

(Publicaremos as soluções no próximo número)

TESTE DE CULTURA
CIÊNCIAS

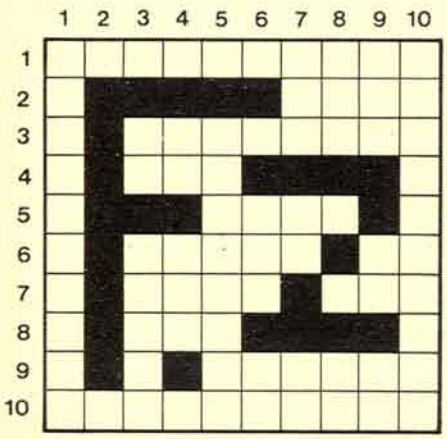
1 – Qual a segunda lei da termodinâmica?
2 – Quem foi Pavlov?
3 – Qual é o maior dos planetas?
4 – Que é um gene?

Compilado por F. Bastos, 2.º-gr. RM

(Solução na página 34)

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo n.º 11)



HORIZONTAIS: 1 – Um tiro de morteiro. 2 – Em maior quantidade (inv.). 3 – Acharia bom. 4 – Irmã da mãe. 5 – Prego de madeira. 6 – Arreata; antes de Cristo. 7 – Tribo de indígenas do Brasil; parente. 8 – A parte mais larga do remo (plural). 9 – Nome de homem. 10 – Manobras de atracar.

VERTICAIS: 1 – Arte de marinheiro. 3 – Designativo de carro de turismo; tirar com as unhas. 4 – Vogais de moiro; designação de espanto. 5 – Quedas de água (inv.). 6 – Aperta; além. 7 – Iniciais de região sul Angola; aqui; batalhão de caçadores. 8 – Riqueza de Aveiro (inv.); cont. prep. com o art.º masc. sing. 9 – Ofereci; grito de dor; ponto colateral. 10 – Meio doidos.

Manuel Carneiro
1.º-gr. FZ
(Solução na página 34)

HUMORISMO NO ENSINO

Redacções que ficaram célebres...

A caça

A caça é um desporto. Para caçar é preciso licença. Pode caçar-se de duas maneiras: à cachaporrada e à paulada, mas à cachaporrada é mais perigoso. No tempo do defeso não se pode caçar. Quem caça sem licença vai preso.

Infante D. Henrique

O Infante D. Henrique foi o 1.º rei de Portugal! O Infante D. Henrique descobriu 3 terras: a Madeira e os Açores! O Infante D. Henrique foi primeiro casado com D. Filipa de Lencastre que deixou com o regaço de rosas e que D. Duarte beijou que eram de Santa Maria. O Infante D. Henrique estava a ver que nunca mais chegava ao Brasil por causa das carrancas do mar.

A Pátria

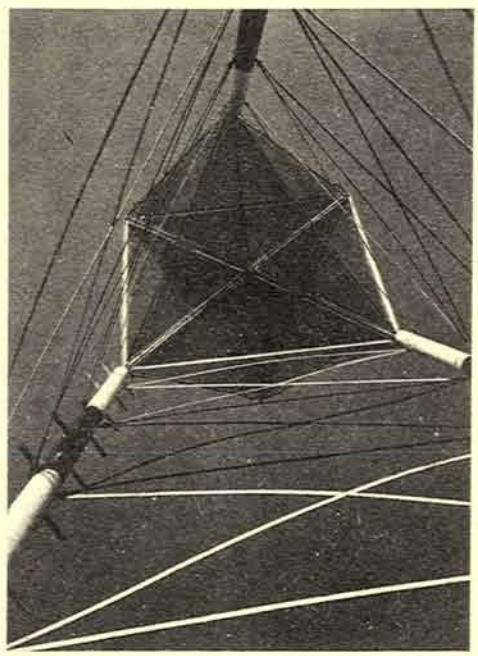
A Pátria é a terra onde nasceram os nossos pais. Os galos e os nossos irmãos. A Pátria é linda e querida dos portugueses e dos antepassados e dos nossos irmãos e dos nossos tios e avós. A Pátria é uma terra enorme e tem lá muitas igrejas e capelinhas e tabernas e vive lá muita gente, como na serra da Estrela. Eu nunca fui à Pátria.

Compilado por M. do Vale

Içado nos turcos
(Desenho do comandante Augusto Soares de Oliveira)

CONCURSO N.º 11

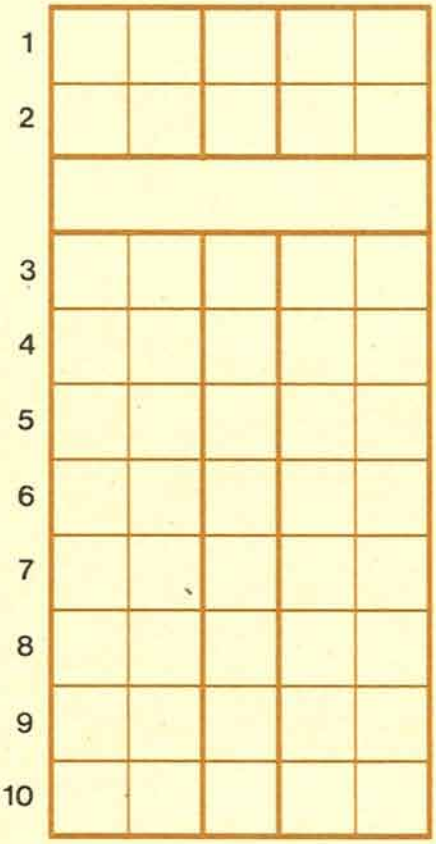
Sorteio de um prémio entre as respostas certas.



(Foto do cap.-frag. Serpa Gouveia)

O assunto desta fotografia é naval. De que se trata?

PILHA DE PALAVRAS



1 – Abriga.
2 – Cara.
3 – Emudecer.
4 – Denuncio.
5 – Rol.
6 – Aplano.
7 – Urdia.
8 – Paixão.
9 – Verruma grande.
10 – Catafalco (pl.).

Depois de resolvido este passatempo, o leitor encontrará na coluna central o nome de uma obra, de que se está a comemorar o IV centenário, de um dos maiores poetas portugueses. Também na primeira coluna encontrará duas palavras completas: uma que significa uma coisa essencial à vida; outra serve para designar aquele que se ocupa em calafetar navios.

Carmo Pinto
1.º-sarg. H

(Solução nesta página)

SOLUÇÕES

DAMAS

1 – f5 - e4 ..... c4 - d5
2 – e4 x g2 ..... d5 x b7
3 – a6 - b5 ..... b7 - a8
4 – b5 - c4 ..... b3 - a2
5 – c8 - b7 ..... a8 x c6
6 – c4 - d5 ..... c6 x e4
7 – g2 - f3

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções dos problemas publicados no número anterior)

9.º 1+2+3=1×2×3.

10.º Só duas das oito possíveis combinações de cruzamentos geram um nó. Assim a probabilidade será de 2/8 ou seja 1/4.

11.º LÍBIO.

12.º As quatro possíveis combinações de verdadeiro e falso para as duas afirmações são: VV, VF, FV e FF. A primeira é eliminada porque nos disseram que uma das afirmações, pelo menos, era falsa. A segunda e a terceira terão de ser também eliminadas porque, em cada caso, se um deles mentiu o outro não podia ter falado verdade. Portanto, ambos mentiram. O rapaz é o que tem o cabelo ruivo e a rapariga é a do cabelo preto.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Morteirada. 2 – Siam. 3 – Gostaria. 4 – Tia. 5 – Taco. 6 – Reata; a. C. 7 – Aica; tia. 8 – Pás. 9 – Albano. 10 – Atracações.

VERTICAIS: 1 – Marinharia. 3 – GT; rapar. 4 – Oi; eia. 5 – Satacsac. 6 – Ata; lá. 7 – RSA; cá; BC. 8 – Air; ao. 9 – Dai; ai; NE. 10 – Amalucados.

TESTE DE CULTURA

CIÊNCIAS

1 – A mudança de um estado para outro causa sempre nos corpos uma perda de energia.
2 – Psicólogo e fisiólogo russo.
3 – Júpiter.
4 – Factor biológico que transmite as características hereditárias.

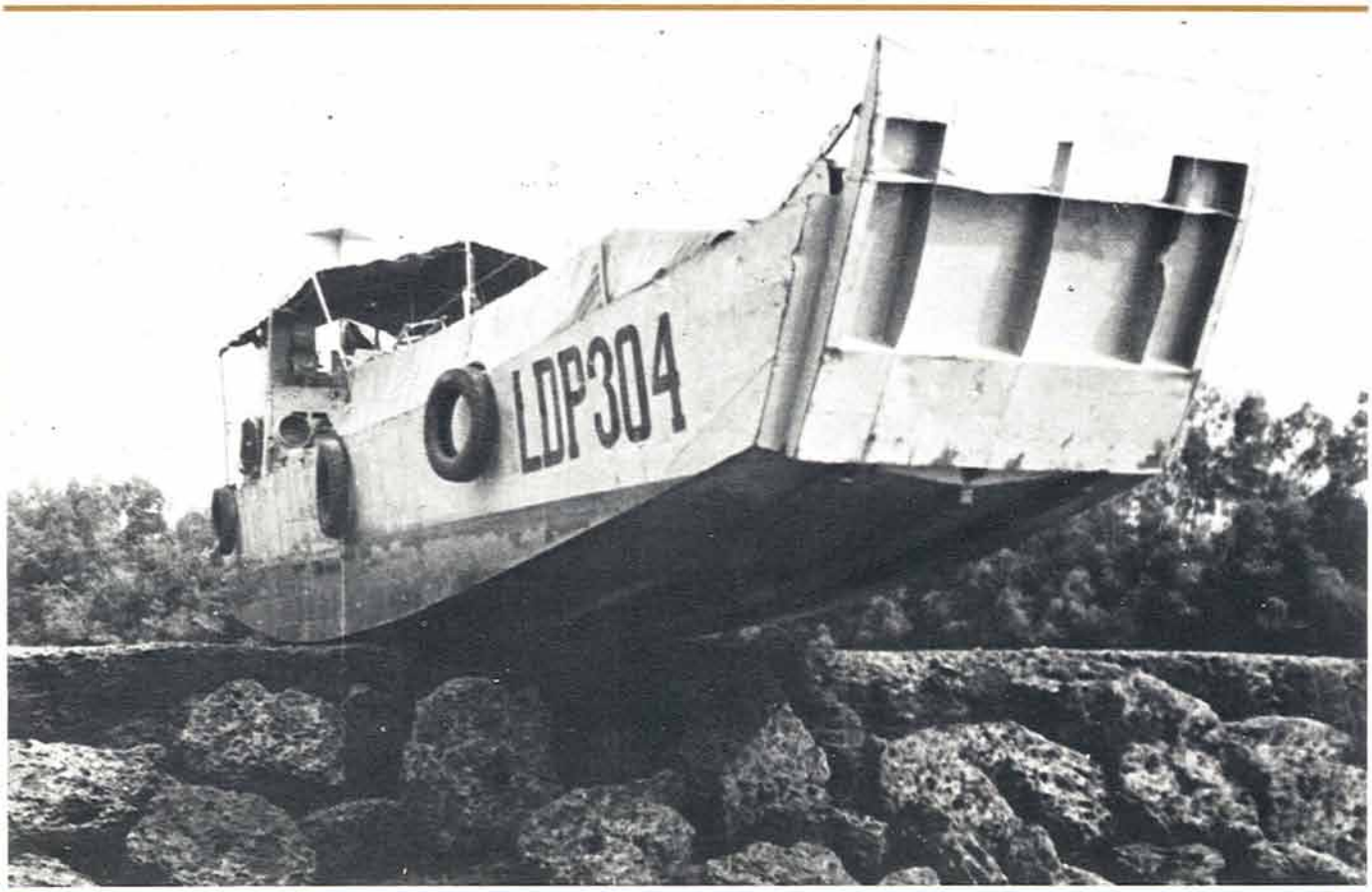
PILHA DE PALAVRAS

1 – Aloja. 2 – Rosto. 3 – Calar. 4 – Acuso. 5 – Lista. 6 – Aliso. 7 – Fiava. 8 – Ardor. 9 – Trado. 10 – Essas. («Os Lusíadas». Ar; calafate).

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 9

Trata-se de uma fotografia da antiga «Sagres» (hoje navio-depósito «Santo André»), tirada no Algarve (praia da Rocha). A actual «Sagres» tem 5 vergas simples no mastro grande e no traquete.

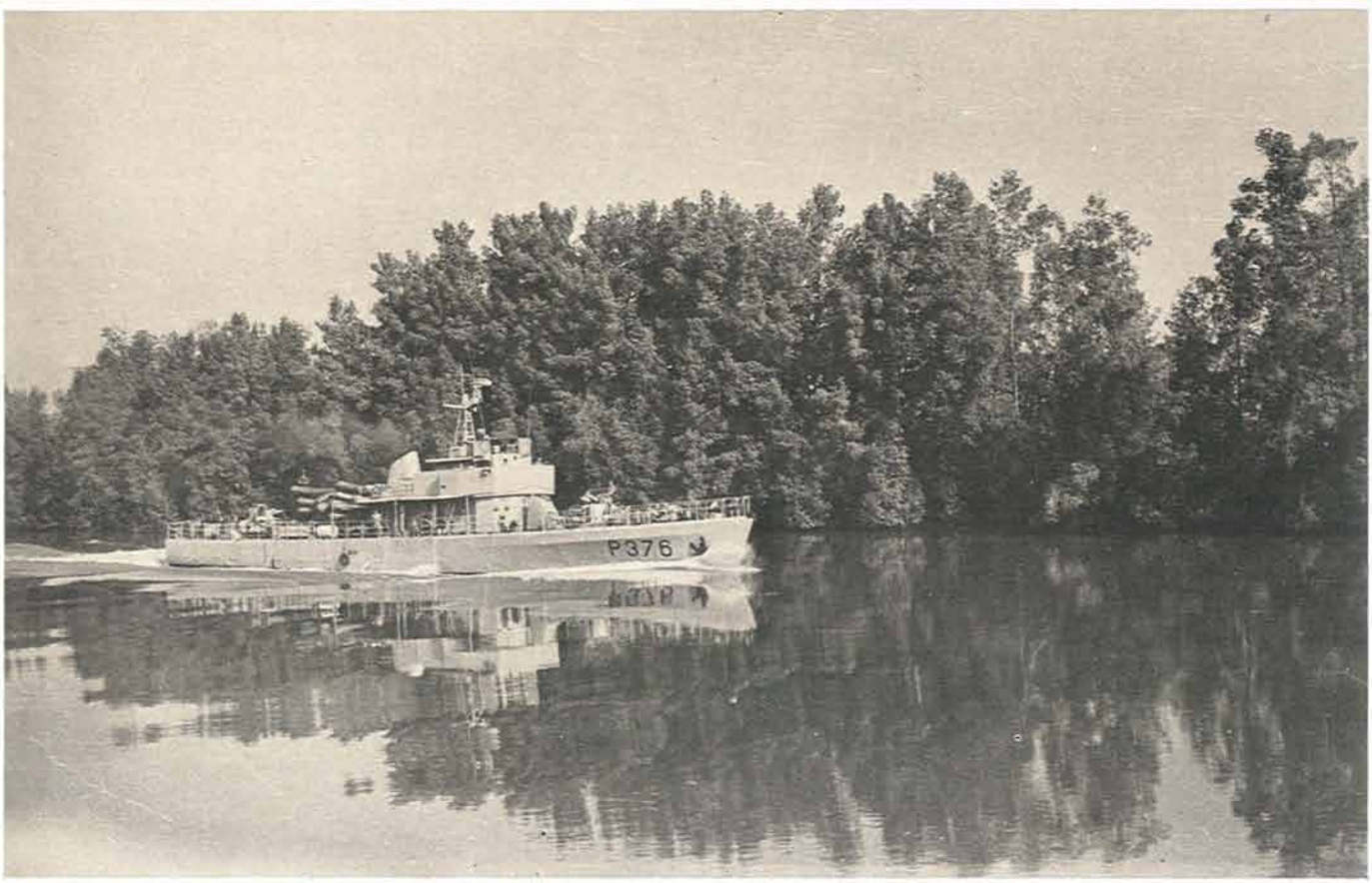
VENCEDOR: Manuel Guedelha Gonçalves, 1.º-gr. L, da Direcção do Serviço do Pessoal.



Maré vazia, lancha em seco.
Depois do virar da maré,
seguirá no seu caminho.

GUINÉ

Navegando num... espelho.



(Fotos de R. Magalhães, cabo CM)

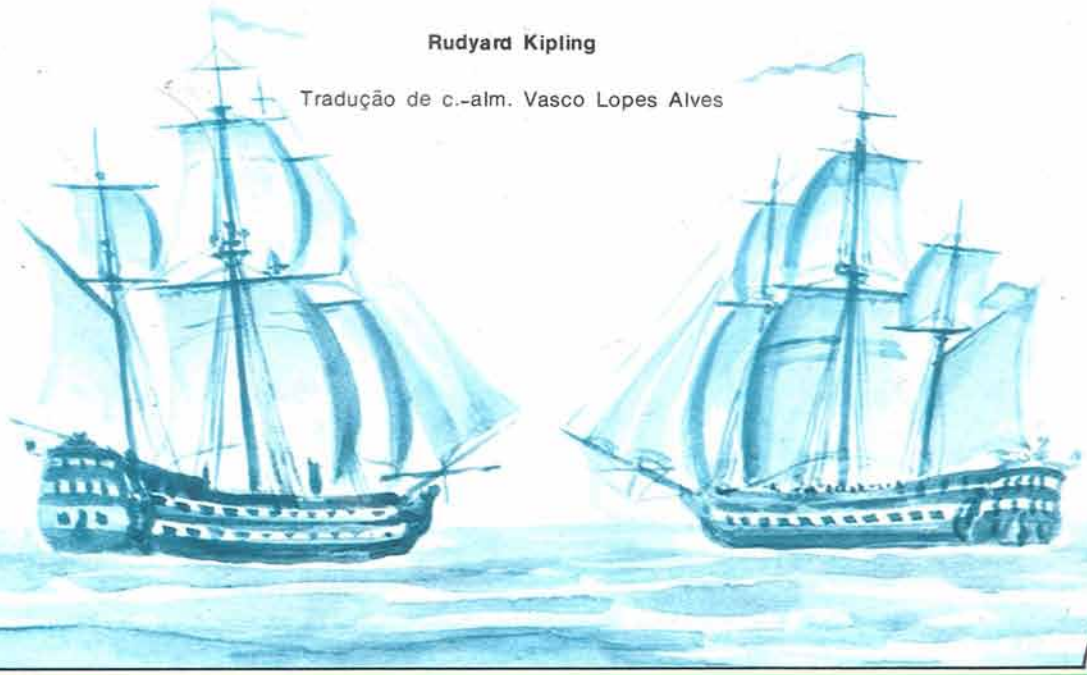
SE

Se souberes estar sereno quando todos em volta
Estão perdendo a cabeça e te lançam a culpa;
Se estiveres confiante quando de ti duvidam,
Mas souberes desculpar que duvidem de ti;
Se fores capaz de esperar sem perder a paciência
E se, caluniado, a ninguém calunias;
Se quando te odiarem não odiares também,
Sem querer ser superior nem parecer bom demais;

Se tu souberes sonhar e não viver de sonhos
E se souberes pensar mas sem deixar de agir,
E puderes defrontar o Triunfo e o Desastre,
Tratando-os por igual como impostores que são;
Se suportares ouvir verdades que disseste
Torcidas por velhacos para convencer ingénuos;
Se vires desfeito aquilo para que tens vivido
E o construires de novo com ferramentas gastas;

Se és capaz de juntar tudo que tiveres ganho
Para tudo arriscar numa cartada só,
E se souberes perder e começar de novo
Sem palavra dizer da perda que sofreste;
Se consegues que nervos, braços e coração
Te vão servindo sempre mesmo que já exaustos,
E se seguires para a frente quando já não tens nada
A não ser a vontade intensa de vencer!

Se com falar às massas não perderes a virtude
E de privar com Reis não deixares de ser simples;
Se amigo ou inimigo não puder melindrar-te;
Se a todos deres valor mas a ninguém demais;
Se souberes preencher o minuto que passa
Com sessenta segundos ùtilmente vividos,
É tua a Terra inteira e tudo o que ela tem
E – o que é mais ainda – és um Homem, meu filho!

Rudyard Kipling

Tradução de c.-alm. Vasco Lopes Alves